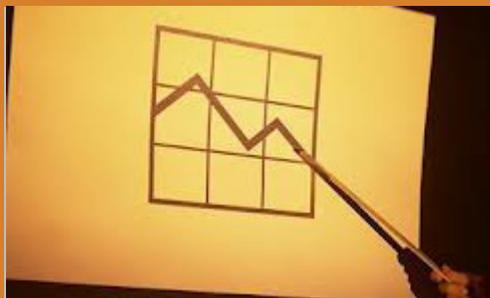


PANORAMA

DO INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO

MARÇO 2013



PANORAMA

DO INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI

Mauro Borges Lemos
Presidente

Maria Luisa Campos Machado Leal
Diretora

Otávio Silva Camargo
Diretor

Rogério Dias de Araújo
Coordenador

Carlos Henrique de Mello Silva
Técnico

Equipe Técnica

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI

Rogério Dias de Araújo – *Coordenador Inteligência Competitiva*

Carlos Henrique de Mello Silva – *Técnico*

Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – IE/Unicamp

Fernando Sarti – *Diretor*

Núcleo de Economia Industrial e Tecnologia – NEIT/IE-Unicamp

Fernando Sarti – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT-IE-UNICAMP*

Célio Hiratuka – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT-IE-UNICAMP*

Adriana Marques da Cunha – *Coordenação Executiva*

Beatriz Freire Bertasso – *Coordenação de Informações*

Lídia Ruppert – *Pesquisadora*

Marcelo Loural – *Pesquisador*

Marco Antonio Martins da Rocha – *Pesquisador*

Camila Ventura – *Apoio administrativo*

Revisão e Diagramação

Caluh Assessoria e Comunicação

Ficha Catalográfica

Sarti, F. ; Hiratuka, C. ; Ruppert, L. ; Abreu, Anna Ligia Pozzetti.

Panorama do Investimento Estrangeiro 2012/Fernando Sarti, Célio Hiratuka, Lídia Alice Soares Ruppert e Anna Ligia Pozzetti de Abreu – Campinas: UNICAMP. IE. NEIT/ABDI, 2013, 50 páginas.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-86215-71-1

1. Investimento Direto Estrangeiro. 2. Internacionalização Produtiva. 3. Empresas Multinacionais. I. Título. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). III. Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI).

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Evolução dos fluxos de IDE Globais: 2010-2012	8
2. Evolução dos Fluxos de IDE recebidos e realizados pelo Brasil: 2010-2012	18
3. Dimensão regional do Investimento Direto Externo	33
3.1 Evolução dos fluxos de IDE recebidos e realizados pela América Latina	33
3.2 Evolução do IDE entre Brasil e América Latina	37
4. Perspectivas para os fluxos de investimento direto externo mundiais	43
Considerações Finais	47
Referências	49

INTRODUÇÃO

Os fluxos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) globais apresentaram um crescimento importante em 2011, depois da tímida recuperação observada em 2010. Ainda assim, o valor dos investimentos ainda não recuperou o patamar do período pré-crise. O cenário internacional conturbado tem provocado mudanças importantes nos fluxos de investimento, assim como colocado novos desafios, tanto para os países desenvolvidos quanto para os países em desenvolvimento. Esses desafios envolvem a busca de aproveitar ao máximo os possíveis benefícios associados ao IDE, elevando os impactos sobre os investimentos e o aumento da competitividade da estrutura produtiva nacional.

Este panorama tem o intuito de apresentar os principais movimentos e caracte-

rísticas do investimento direto externo recebido e realizado no mundo, nos países em desenvolvimento como um todo e no Brasil.

A primeira seção do relatório traça as principais características do IDE mundial, enquanto a segunda seção se dedica a detalhar as informações para a economia Brasileira. Nesta segunda seção, é apresentada a evolução recente dos fluxos de investimento recebidos, assim como dos investimentos realizados pelas empresas brasileiras no exterior. Na terceira seção, o relatório apresenta um panorama dos investimentos na América Latina, destacando o papel do Brasil. Finalmente a última seção traça algumas breves notas sobre as perspectivas dos fluxos de investimento direto estrangeiro mundiais e nacionais.

1. EVOLUÇÃO DOS FLUXOS DE IDE GLOBAIS: 2010-2012

Após uma tímida recuperação dos fluxos de investimento direto externo (IDE), iniciada em 2010, essas correntes de capital mantiveram o crescimento e registraram, em 2011, um aumento de 16%, passando de um patamar de US\$ 1,3 trilhões para US\$ 1,5 trilhões. Depois das drásticas quedas nos fluxos que ocorreram em 2008 e 2009, como resultado da crise financeira internacional, 2011 foi o segundo ano consecutivo em que se registrou um cres-

cimento desses fluxos de investimento. Segundo avaliação do World Investment Report 2012 (WIR 2012), esta expansão reflete a maior lucratividade das empresas transnacionais e o crescimento relativo das economias em desenvolvimento durante o período. No entanto, os dados de 2011 indicam que estes valores ainda estão 23% abaixo do pico registrado em 2007, ano no qual o valor dos investimentos atingiu a marca de US\$ 1,9 trilhões.

Tabela 1 - Fluxos de IDE recebidos, por região e país, 2009-2011 (Bilhões de dólares)

Fluxos de IDE recebidos, por região e país, 2009-2011 (Bilhões de dólares).								
	2009	2010	2011	010/09	011/010	2009	2010	2011
Mundo	1.198	1.309	1.524	9%	16%	100%	100%	100%
Desenvolvido	606	619	748	2%	21%	51%	47%	49%
Europa	399	357	425	-11%	19%	33%	27%	28%
América do Norte	165	221	268	34%	21%	14%	17%	18%
Em desenvolvimento	519	617	684	19%	11%	43%	47%	45%
África	53	43	43	-18%	-1%	4%	3%	3%
África do Sul	11	2	6	-78%	165%	1%	0%	0%
Ásia	315	384	423	22%	10%	26%	29%	28%
China	95	115	124	21%	8%	8%	9%	8%
Hong Kong	52	71	83	36%	17%	4%	5%	5%
Coréia do Sul	8	9	5	13%	-45%	1%	1%	0%
Índia	36	24	32	-32%	31%	3%	2%	2%
Turquia	8	9	16	7%	76%	1%	1%	1%
ALADI	72	112	142	54%	27%	6%	9%	9%
Argentina	4	7	7	76%	3%	0%	1%	0%
Brasil	26	49	67	87%	37%	2%	4%	4%
Chile	13	15	17	19%	13%	1%	1%	1%
México	16	21	20	28%	-6%	1%	2%	1%
Economias em transição	72	74	92	2%	25%	6%	6%	6%
Rússia	36	43	53	19%	22%	3%	3%	3%

Fonte: Unctad. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

A expansão do IDE mundial não tem sido homogênea, mostrando diversos padrões segundo a região de destino dos fluxos. Em 2011, como pode ser observado pela Tabela 1, os países desenvolvidos recuperaram a participação no montante total de IDE e apresentaram um aumento de 21% em relação ao ano anterior, passando de US\$ 619 bilhões para o patamar de US\$ 748 bilhões. Esta recuperação se relaciona com o aumento dos fluxos tanto para a Europa, que tinha enfrentado uma retração de entrada de capitais em 2009 e 2010, como para a América do Norte, que apresentou retomada no recebimento de IDE já em 2010, também depois de abrupta queda em 2009. Com este incremento sendo maior que o alcançado pelas economias em desenvolvimento, os países desenvolvidos conseguiram recuperar participação no montante de fluxos totais, passando de uma participação de 47% em 2010 para 49% em 2011. Contudo, esta participação fica muito aquém dos cerca de 65% registrados no período pré-crise internacional, confirmando a tendência dos países em desenvolvimento e em transição de se tornarem importantes polos atrativos de IDE.

Apesar do aumento da participação dos países desenvolvidos como receptores de fluxos de IDE, o incremento no peso dos países em desenvolvimento é uma tendência que se verifica não apenas conjuntamente. De acordo com CEPAL (2012), em 2000, os países desenvolvidos recebiam 81% dos fluxos globais, enquanto em 2007 a proporção já havia se reduzido para 66%.

Os países em desenvolvimento tiveram um aumento da entrada de IDE de 11% em 2011, passando do valor de US\$ 617 bilhões para o patamar de US\$ 684 bilhões (Tabela 1). Em 2010, a retomada dos fluxos de investimento foi liderada por este grupo de países, que conseguiu se aproximar do montante de fluxos recebidos pelos países desenvolvidos. Neste contexto, os efeitos da crise ainda se faziam sentir nas economias centrais com um forte agravante da incerteza que veio posteriormente com a crise da dívida de alguns países europeus, os quais reduziram as perspectivas de crescimento diante das inúmeras medidas de austeridade fiscal. Nesse quadro de instabilidade, os fluxos de investimento foram expressivamente menores para o grupo desenvolvido,

que perdeu participação no fluxo total de IDE. Enquanto isso, diante do maior dinamismo de seus mercados internos e baixo endividamento público, os países em desenvolvimento quase alcançaram os países desenvolvidos em termos de valor de IDE em 2010. Em 2011, os fluxos recebidos pelos países desenvolvidos aumentaram, mas a uma taxa menor do que a observado nos países centrais, sendo de 10% para a Ásia e 27% para o ALADI, enquanto em 2010, os fluxos haviam aumentado, respectivamente, em 22% e 57% em relação ao ano anterior.

No caso da América Latina (ALADI), os fluxos de investimento foram atraídos para esta região, diante do mercado consumidor em expansão e também pelos elevados recursos naturais disponíveis na região, com destaque para o Brasil, que apesar de ter aumentado os fluxos de recebimento a uma taxa menor que em 2010, ainda é destino de 47% dos fluxos dirigidos para a região.

No caso da Ásia, o Sul e o Sudeste do continente registraram um crescimento dos fluxos maior do que o Leste Asiático. O destaque vai para a China e Hong Kong, que sozinhas receberam 50% dos fluxos destinados à Ásia. Os países em transição também aumentaram o recebimento de fluxos em 25%, atingindo o patamar de US\$ 92 bilhões, mantendo a participação de 6% no fluxo total de IDE global, sendo a Rússia responsável por receber 57% desses capitais. Enquanto isso, a África teve pequena queda na entrada dos fluxos e mantiveram a participação de 3% nos fluxos totais.

Passando a uma análise por países, o maior receptor mundial de IDE continua sendo os EUA, que fecharam o ano de 2011 com 15% de participação no IDE global, um montante igual a US\$ 226 bilhões (Tabela 2). A China também manteve a posição de segundo maior receptor com 8,1% dos fluxos recebidos, registrando um valor total de US\$ 124 milhões. Seguem como maiores receptores de IDE, a Bélgica (US\$ 89 bilhões), Hong Kong (US\$ 83 bilhões) e o Brasil (US\$ 66,7 milhões). Cabe destaque a trajetória de aumento de participação brasileira, que saiu da décima quarta posição em 2009 (US\$ 25 bilhões), para a oitava posição em 2010 (US\$ 48 bilhões), e atingiu a quinta colocação em 2011, tendo uma participação de 4,4% nos fluxos totais desse ano.

Tabela 2 - Maiores receptores de IDE. Em Bilhões de Dólares e em %.

	2009	%		2010	%		2011	%
Mundo	1 197,8	100,0%	Mundo	1 309,0	100,0%	Mundo	1 524,4	100,0%
Estados Unidos	143,6	12,0%	Estados Unidos	197,9	15,1%	Estados Unidos	226,9	14,9%
China	95,0	7,9%	China	114,7	8,8%	China	124,0	8,1%
Reino Unido	71,1	5,9%	Bélgica	81,2	6,2%	Bélgica	89,1	5,8%
Bélgica	61,7	5,2%	Hong Kong, China	71,1	5,4%	Hong Kong, China	83,2	5,5%
Hong Kong, China	52,4	4,4%	Reino Unido	50,6	3,9%	Brasil	66,7	4,4%
Ilhas Virgens Britânicas	46,5	3,9%	Ilhas Virgens Britânicas	49,1	3,7%	Cingapura	64,0	4,2%
Rússia	36,5	3,0%	Cingapura	48,6	3,7%	Reino Unido	53,9	3,5%
Holanda	36,0	3,0%	Brasil	48,5	3,7%	Ilhas Virgens Britânicas	53,7	3,5%
Índia	35,6	3,0%	Alemanha	46,9	3,6%	Rússia	52,9	3,5%
Arábia Saudita	32,1	2,7%	Rússia	43,3	3,3%	Austrália	41,3	2,7%
Suíça	28,6	2,4%	Espanha	40,8	3,1%	França	40,9	2,7%
Austrália	26,6	2,2%	Austrália	35,6	2,7%	Canadá	40,9	2,7%
Irlanda	26,0	2,2%	França	30,6	2,3%	Alemanha	40,4	2,7%
Brasil	25,9	2,2%	Arábia Saudita	28,1	2,1%	Índia	31,6	2,1%
Cingapura	24,4	2,0%	Irlanda	26,3	2,0%	Espanha	29,5	1,9%
França	24,2	2,0%	Índia	24,2	1,8%	Itália	29,1	1,9%
Alemanha	24,2	2,0%	Canadá	23,4	1,8%	México	19,6	1,3%
Luxemburgo	22,4	1,9%	México	20,7	1,6%	Indonésia	18,9	1,2%
Canadá	21,4	1,8%	Suíça	20,4	1,6%	Luxemburgo	17,5	1,1%

Fonte: Unctad. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

Nota-se através dos dados, uma movimentação descendente nas participações de alguns países europeus. A Inglaterra saiu da terceira posição em 2009 para a sexta em 2011, registrando uma queda na participação de 5,9% para 3,5% neste período. A Alemanha e a Espanha também perderam participação de 2010 para 2011, passando a primeira de US\$ 47 bilhões para US\$ 40,4 bilhões, e a segunda de US\$ 41 bilhões para US\$ 29,5 bilhões. A Irlanda e a Suíça deixam de figurar entre os 20 maiores receptores de IDE, enquanto a Itália e Luxemburgo entram no ranking.

Em relação aos fluxos realizados de IDE, o aumento foi notadamente devido aos elevados fluxos realizados pelos pa-

íses desenvolvidos, que aumentaram os investimentos em 25%, alcançando o patamar de US\$ 1.24 trilhões (Tabela 3). Os países desenvolvidos, que haviam perdido participação em 2010, recuperaram as posições de 2009, fechando com 73%. Enquanto isso, a saída de investimentos dos países em desenvolvimento sofreu uma retração de 4%, tendo uma queda na participação de 28% para 23%. Esta tendência é inversa ao observado em 2010, quando houve uma significativa redução da participação dos países desenvolvidos nos fluxos de IDE como investidores, enquanto os países em desenvolvimento ganharam espaço ao aumentarem em 50% os investimentos realizados no exterior.

Tabela 3 - Fluxos de IDE realizados por região e país, 2009-2011. Em Bilhões de Dólares e em %.

	2009	2010	2011	10/09	11/10	2009	2010	2011
	US\$ bilhões			Variação (%)		Participação Relativa (%)		
Mundo	1 175,1	1 451,4	1 694,4	24%	17%	100%	100%	100%
Desenvolvido	857,8	989,6	1 237,5	15%	25%	73%	68%	73%
Europe	458,1	568,4	651,4	24%	15%	39%	39%	38%
América do Norte	308,6	343,0	446,2	11%	30%	26%	24%	26%
Em desenvolvimento	268,5	400,1	383,8	49%	-4%	23%	28%	23%
África	3,2	7,0	3,5	122%	-50%	0%	0%	0%
África do Sul	1,2	- 0,1	- 0,6	-107%	739%	0%	0%	0%
Ásia	210,9	273,0	280,5	29%	3%	18%	19%	17%
China	56,5	68,8	65,1	22%	-5%	5%	5%	4%
Hong Kong	64,0	95,4	81,6	49%	-14%	5%	7%	5%
Coréia do Sul	17,2	23,3	20,4	35%	-13%	1%	2%	1%
Índia	15,9	13,2	14,8	-17%	12%	1%	1%	1%
Turquia	1,6	1,5	2,5	-6%	68%	0%	0%	0%
ALADI	10,3	44,8	29,8	336%	-33%	0,9%	3,1%	1,8%
Argentina	0,7	1,0	1,5	36%	54%	0%	0%	0%
Brasil	- 10,1	11,6	- 1,0	215%	-109%	-1%	1%	0%
Chile	7,2	9,2	11,8	28%	28%	1%	1%	1%
México	7,0	13,6	8,9	93%	-34%	1%	1%	1%
Economias em transição	48,8	61,6	73,1	26%	19%	4%	4%	4%
Rússia	43,7	52,5	67,3	20%	28%	4%	4%	4%

Fonte: Unctadstat. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

¹ Associação Latino Americana de Integração.

As transnacionais dos países em desenvolvimento e das economias em transição continuaram a investir em outros mercados emergentes. Segundo WIR (2012), 65% dos projetos de IDE, em termos de valor, que saíram dos países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) foram investidos em economias em desenvolvimento ou em transição. Na Ásia, houve um pequeno aumento de 3% nesses fluxos, enquanto no ano anterior, o aumento havia sido de 30%. China, Hong Kong e Coréia do Sul diminuíram o valor de IDE realizado, como pode ser observado na Tabela 3. Já nos países da ALADI, a queda foi brusca, com retração de 33% de investimentos realizados. A queda no nível de investimentos realizados se deve ao baixo desempenho do México e do Brasil. O destaque fica para este último. Após um montante investido de US\$ 11,6 bilhões em 2010, no ano de 2011 houve um movimento de repatriação do capital. Já nas economias em transição, segundo o relatório do WIR

2012, as transnacionais relacionadas a recursos naturais, principalmente da Rússia, aproveitaram-se dos elevados preços das commodities e do aumento no valor de mercado de suas ações, e continuaram sua expansão em economias emergentes ricas em recursos naturais.

Os Estados Unidos continuam sendo os maiores realizadores de IDE no mundo, com um montante total de US\$ 397 bilhões, sendo responsável por 23% de todo o investimento realizado (Tabela 4). O Japão, que havia aparecido em 2010 como o oitavo maior realizador de IDE do mundo, aparece, em 2011, como segundo maior investidor, tendo uma participação de 6,7% no total de investimento. Segundo WIR 2012, a valorização do iene, que aumentou o poder de compra das transnacionais fora do país, contribuiu para este crescimento da participação. Outro destaque é a Inglaterra, que havia aparecido em 2010 na décima segunda posição, com 2,7% de participação no volume total de

investimento, enquanto em 2011, aparece como o terceiro maior investidor com participação de 6,3% no valor total dos investimentos globais. Em 2011, a França ultrapassou Hong Kong e ficou com a quarta

posição. Por outro lado, a Alemanha que estava na posição de segundo maior realizador de IDE em 2010, caiu para décima primeira posição, saindo de uma participação total de 7,5% para 2,9%.

Tabela 4 - Maiores realizadores de IDE.
Em Bilhões de Dólares e em %.

	2009	%		2010	%		2011	%
Mundo	1 175,1	100,0%		1 451,4	100,0%		1 694,4	100,0%
Estados Unidos	267,0	22,7%	Estados Unidos	304,4	21,0%	Estados Unidos	396,7	23,4%
França	107,1	9,1%	Alemanha	109,3	7,5%	Japão	114,4	6,7%
Alemanha	75,4	6,4%	Hong Kong, China	95,4	6,6%	Reino Unido	107,1	6,3%
Japão	74,7	6,4%	França	76,9	5,3%	França	90,1	5,3%
Hong Kong, China	64,0	5,4%	China	68,8	4,7%	Hong Kong, China	81,6	4,8%
China	56,5	4,8%	Suíça	64,8	4,5%	Bélgica	70,7	4,2%
Reino Unido	44,4	3,8%	Ilhas Virgens	58,7	4,0%	Suíça	69,6	4,1%
Rússia	43,7	3,7%	Japão	56,3	3,9%	Rússia	67,3	4,0%
Canadá	41,7	3,5%	Bélgica	55,7	3,8%	China	65,1	3,8%
Caribbean	41,6	3,5%	Holanda	55,2	3,8%	Ilhas Virgens	62,5	3,7%
Ilhas Virgens	35,1	3,0%	Rússia	52,5	3,6%	Alemanha	54,4	3,2%
Noruega	34,4	2,9%	Reino Unido	39,5	2,7%	Canadá	49,6	2,9%
Holanda	28,2	2,4%	Canadá	38,6	2,7%	Itália	47,2	2,8%
Suíça	27,8	2,4%	Espanha	38,3	2,6%	Espanha	37,3	2,2%
Irlanda	26,6	2,3%	Itália	32,7	2,2%	Holanda	31,9	1,9%
Suécia	25,9	2,2%	Coréia do Sul	23,3	1,6%	Áustria	30,5	1,8%
Itália	21,3	1,8%	Noruega	23,1	1,6%	Suécia	26,9	1,6%
Singapura	17,7	1,5%	Cingapura	21,2	1,5%	Cingapura	25,2	1,5%
Coréia do Sul	17,2	1,5%	Suécia	18,0	1,2%	Dinamarca	23,4	1,4%

Fonte: Unctad. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

Segundo o relatório do WIR (2012), o aumento da saída de fluxos de IDE da União Europeia é devido principalmente ao aumento das fusões e aquisições. As transnacionais dos países desenvolvidos fizeram amplas aquisições em outros países desenvolvidos, dada a redução dos valores patrimoniais das empresas em meio à crise internacional financeira e de dívida europeia, resultando em uma maior participação do grupo no total de IDE. Entretanto, os fluxos de projetos *greenfield* sozinhos evidenciam que as transnacionais dos países desenvolvidos estão continuamente direcionando os capitais para economias em países desenvolvidos ou em transição, por seu maior potencial de crescimento. Assim, para este mesmo relatório da Unctad, o aumento nos fluxos de IDE em 2011 não tem equivalência com

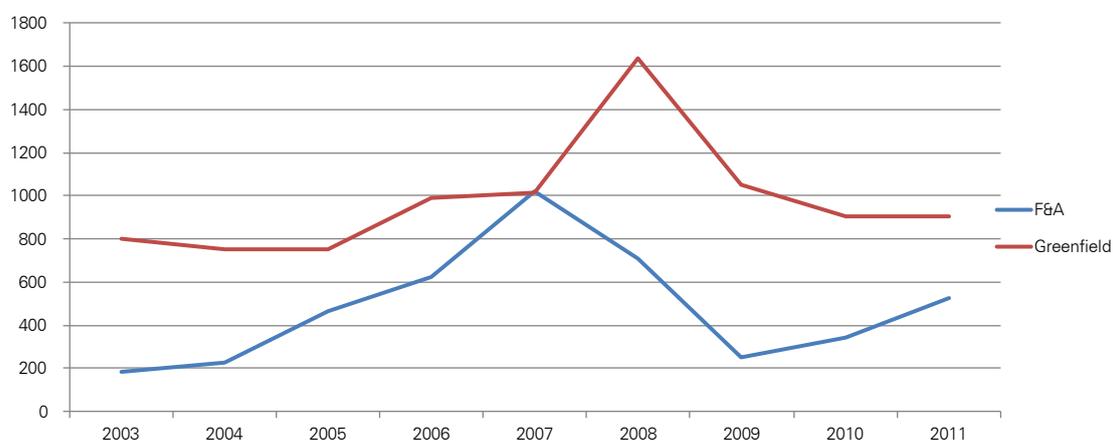
crescimento da capacidade produtiva, ou seja, grande parte desses fluxos é relativa apenas à mudança de propriedade (F&A) e ampliação de reservas monetárias retidas em afiliadas no estrangeiro, e não investidos em projetos *greenfield* ou em investimentos em filiais existentes no exterior.

Em termos de natureza do IDE, manteve-se a predominância dos investimentos de tipo *greenfield*, que registraram pequena queda em relação ao ano de 2010, fechando no valor de US\$ 904 bilhões, o que representa 63% do volume total de investimento realizado. As fusões e aquisições aumentaram 52% em 2011, atingindo o patamar de US\$ 526 bilhões, o que representa 36% do total investido. Após o investimento do tipo fusão e aquisição ter atingido o seu pico em 2007, superando os investimentos *greenfield* por dois anos

consecutivos, esta categoria de investimento sofreu expressiva queda diante do rompimento dos canais de crédito no contexto da crise financeira internacional. No entanto, já em 2010, ocorreu a retomada do crescimento desses fluxos. Segundo a análise da CEPAL (2012), este incremento na categoria de F&A, parece concentrar-se nos países desenvolvidos, onde a crise econômica e a instabilidade financeira podem ter incentivado reestruturações corporativas, orientadas para a racionalização de operações e a redução de custos, assim como algumas aquisições, aprovei-

tando os movimentos favoráveis nos mercados de divisas e ações. Segundo relatório do WIR (2012), este crescimento está relacionado tanto ao aumento do valor das ações nos mercados de capitais como ao aumento da capacidade dos compradores em efetivar esse tipo de operações. As fusões e aquisições que aumentaram nos países desenvolvidos e nos países em transição envolveram diversos mega-acordos (valores maiores que US\$ 3 bilhões), com destaque para o setor farmacêutico nos países desenvolvidos e na indústria extrativa em ambas as regiões.

Gráfico 1 - Composição do IDE mundial, 2003-2011 (Bilhões de dólares)



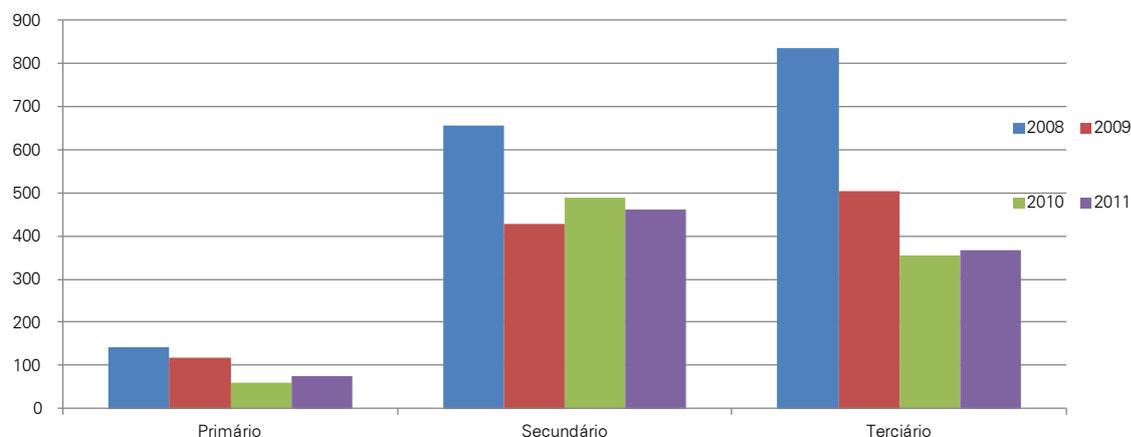
Fonte: UNCTAD. Elaboração própria.

Os projetos das duas modalidades não estão igualmente distribuídos entre os diferentes setores. Para os projetos *greenfield* como um todo, dos US\$ 904 bilhões investidos em 2011, 51% dos projetos concentraram-se no setor secundário, e 41% no setor terciário, sendo apenas 8% no setor primário (gráfico 2). No entanto, o setor secundário registrou queda de 5% em relação ao ano anterior, passando de US\$ 487 bilhões para US\$ 461 bilhões, depois de um crescimento de 14% em 2010. Já o setor primário registrou um aumento de 25%, fato que não ocorria desde o pico em 2008.

Para os projetos da categoria de F&A,

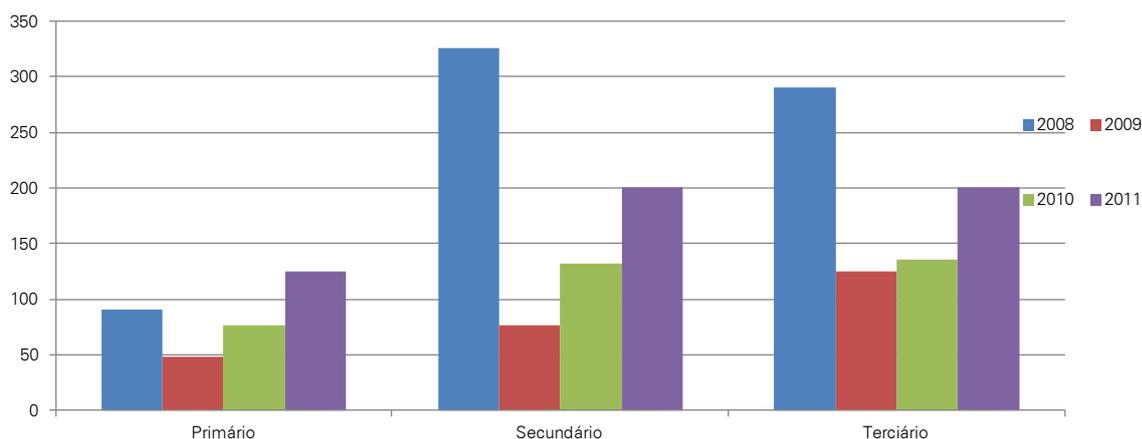
depois de uma abrupta queda dos fluxos em 2008 e 2009, todos os setores mantiveram crescimento em 2010 e 2011 (gráfico 3). Os setores terciário e secundário terminaram o ano de 2011 com 38% de participação no total desses fluxos globais, com valor aproximado de US\$ 200 bilhões. O setor primário, que registrou um aumento de 63% em relação ao ano de 2010, fechou o ano de 2011 com um valor de US\$ 124 bilhões, já superando em 38% o valor atingido em 2008. Os setores secundário e terciário cresceram 52% e 48% respectivamente, mas ainda mantêm patamares abaixo do registrado em 2008.

Gráfico 2 - Valor dos projetos de *Greenfield* por setor, 2008-2011 (Bilhões de Dólares)



Fonte: UNCTAD. Elaboração própria.

Gráfico 3 - Valor das vendas de Fusão e Aquisição, 2008-2011 (Bilhões de Dólares)



Fonte: UNCTAD. Elaboração própria.

Em termos geográficos (Tabela 5), a proporção de investimentos do tipo *greenfield* sobre o total de IDE recebido permaneceu concentrado nos países em desenvolvimento, que receberam, em 2011, 63% dessa categoria de investimento, registrando um pequeno aumento em relação ao ano anterior. Cabe destacar que esta modalidade de investimento em países desenvolvidos manteve a tendência de queda em

2011, e se reduziu em 8% em relação ao ano de 2010. Para os projetos *greenfield* dentro dos países em desenvolvimento, a Ásia continua sendo o maior receptor de novos investimentos com participação de 61% nos fluxos destinados a esta categoria de países. Já a América Latina é responsável por 23% desse fluxo, com destaque para o Brasil, que recebeu 48% dos fluxos destinados à América Latina.

Tabela 5 - Fluxo de IDE recebido por modalidade, participação relativa das regiões e países selecionados (em US bilhões)

	Fusões e Aquisições				Greenfield			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
Mundo	706,5	249,7	344,0	525,9	1.634,4	1.051,6	904,6	904,3
Economias Desenvolvidas	581,4	203,5	257,2	409,7	500,8	323,0	300,6	276,4
Economias em Desenvolvimento	104,8	39,1	82,4	83,2	1.007,6	670,2	548,0	568,4
Ásia	68,9	38,3	36,9	55,3	626,4	447,3	336,7	344,1
China	5,4	10,9	6,3	11,2	130,5	116,8	98,4	100,7
Hong Kong	8,7	3,0	12,2	1,0	7,2	9,1	8,2	7,0
Índia	10,4	6,0	5,6	12,6	80,6	57,2	52,0	58,3
América do Sul e Central	11,0	-5,2	25,9	17,5	137,3	121,7	112,4	130,2
Brasil	7,6	-1,4	8,9	15,4	47,0	44,5	44,0	62,9
México	2,3	0,1	8,0	1,2	34,9	25,0	14,7	18,6

Fonte: Dados Unctad. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

Já pelo lado das F&A, o padrão é inverso. As economias desenvolvidas, depois de sofrerem uma forte queda no recebimento desses fluxos de investimento em 2008 e 2009, apresentaram recuperação em 2010, atingindo o patamar de US\$ 409 bilhões em 2011 – aumento de 60% em relação ao ano anterior. Já as economias em desenvolvimento tiveram um aumento nos fluxos de apenas 1% em relação 2010, ficando no patamar de US\$ 83 bilhões. Dentro das economias em desenvolvimento, a maior parcela de F&A continuou concentrada na Ásia, onde a participação

no montante destinado a esta categoria de economias foi de 66%. Já as economias da América Latina, registraram 21% de participação no total das F&A recebidos pelos países em desenvolvimento, com destaque para o Brasil, que foi responsável por 19% desse montante total. O país recebeu 15,4 bilhões dos 17,5 bilhões destinados à América Latina, registrando uma participação de 88%. A Rússia também teve expressivo avanço nos fluxos recebidos. Enquanto em 2010 o país havia recebido apenas US\$ 3 bilhões em fluxos de F&A, recebeu US\$ 30 bilhões em 2011.

Tabela 6 - Fluxo de IDE recebido por modalidade, participação relativa das regiões e países selecionados (em %)

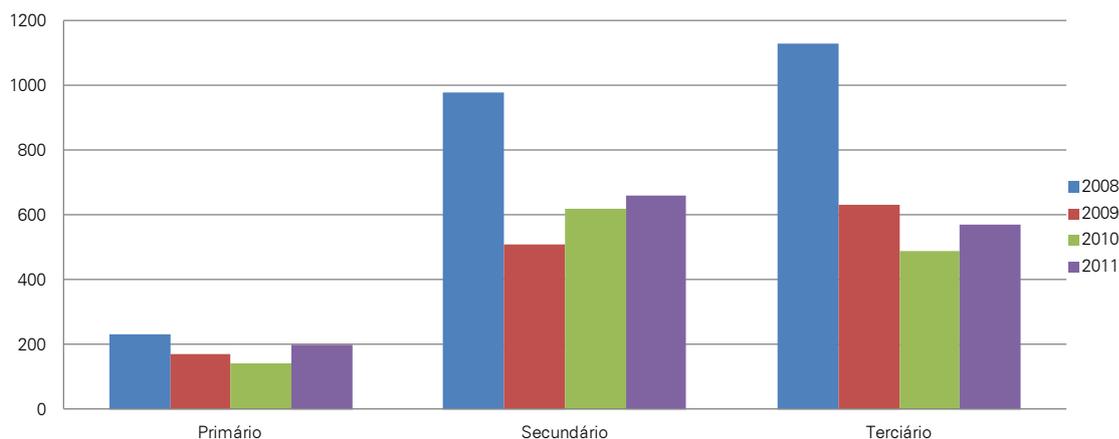
	Fusões e Aquisições				Greenfield			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
Mundo	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Economias Desenvolvidas	80,4	64,4	65,0	76,2	70,9	71,7	71,1	71,2
Economias em Desenvolvimento	15,0	29,6	28,5	19,7	27,1	26,3	26,5	26,9
Ásia	13,4	27,0	23,0	15,2	24,6	23,2	22,2	22,7
China	5,4	8,6	8,6	6,5	3,1	2,9	3,6	4,4
Hong Kong	-0,1	3,0	4,3	2,1	1,0	1,7	0,9	1,4
Índia	1,9	0,1	7,8	1,2	2,5	2,3	2,2	3,8
América do Sul e Central	0,5	2,6	4,6	2,9	1,4	1,6	2,4	2,2
Brasil	0,7	1,0	2,5	1,1	1,0	1,0	1,2	0,5
México	-0,1	1,3	0,8	0,8	0,1	0,2	0,2	1,0
Rússia	2,4	3,0	1,1	1,0	1,4	1,2	1,7	1,7

Fonte: Dados Unctad. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

Observando os dados por setores, nota-se que apesar dos IDE terem aumentado em todos os segmentos, há diferentes padrões por composição setorial da atividade. Como se pode observar no Gráfico 4, após dois anos de queda consecutiva, o investimento direto externo no setor primário atingiu o

patamar de US\$ 200 bilhões, registrando um crescimento de 43% em 2011, em relação ao ano anterior. O mesmo movimento ocorreu no setor terciário, que reverteu a tendência declinante dos dois últimos anos e aumentou 16% do valor do investimento, atingindo o patamar de US\$ 570 bilhões.

Gráfico 4 - Distribuição setorial dos projetos de IDE (Bilhões de Dólares)



Fonte: WIR 2012

Segundo os dados do WIR (2012), os investimentos no setor primário aumentaram gradualmente em 2011, via aumento do investimento em mineração e petróleo. Os investimentos em petróleo e gás natural aumentaram principalmente nos países desenvolvidos e nas economias em transição, diante do aumento demanda final pelo produto.

O valor dos investimentos no setor secundário aumentou 6% em 2011. Os setores com maior participação foram o alimentício e o das indústrias químicas, enquanto o setor de coque, petróleo e combustível nuclear teve a maior queda de participação. Isso se deve ao fato de o setor de alimentos, tabaco e bebidas ter sido o menos afetado pela crise, por serem produtos que têm pouca variação de demanda por fazerem parte do consumo básico das famílias.

A indústria química aumentou o valor do IDE em 65%, principalmente diante do maior investimento no setor farmacêutico. As razões para este aumento estão no dinamismo no mercado consumidor final, em especial nas economias emergentes,

bem como a necessidade de criar capacidades de produção para novos produtos para saúde, além de existir uma tendência de reestruturação em curso em toda a indústria. Somada a esta situação, um número recorde de remédios perdeu a patente de proteção e, conseqüentemente, diversas empresas passaram a investir em países em desenvolvimento, como ocorreu na aquisição da Ranbaxy (Índia) pela Daiichi Sankyo (Japão) por US\$ 4.6 bilhões e a aquisição da Takeda (Japão) pela Nycomed (Suíça) por US\$ 13.7 bilhões.

Por outro lado, a indústria automotiva foi fortemente afetada pela incerteza econômica em 2011. O valor dos projetos de IDE reduziu-se em 15% (WIR, 2012). O declínio foi mais pronunciado em países desenvolvidos por conta dos efeitos das crises financeiras e dos problemas com as dívidas soberanas. O excesso de capacidade na indústria localizada nos países desenvolvidos, que já era um problema antes da crise, foi tratado através de reduções de turnos, encerramentos temporários de atividades e menos horas de trabalho, mas não houve maiores reduções de ca-

pacidade estrutural e, conseqüentemente, desinvestimentos.

O IDE no setor terciário aumentou 15% em 2011, atingindo o patamar de US\$ 570 bilhões. Segundo WIR (2012), os serviços não financeiros, que possuem uma participação de 85% no do IDE destinado ao setor de serviços, tiveram sua participação aumentada modestamente em relação ao ano anterior, com destaque para os serviços de eletricidade, gás e água, de transporte e de comunicação. Um grande número de mega-acordos aumentou o valor do IDE em projetos de eletricidade, gás e água, bem como em transporte e indústria de comunicação, com a maior parte vindo de projetos *greenfield* em telecomunicações. A América Latina foi palco de um número importante

de investimentos em telecomunicações, vindos da America Movil (México), Sprint Nextel (Estados Unidos), Telefonica (Espanha) e Telecom Italia (Itália), e todos os projetos tinham como alvo o aumento da classe média na região.

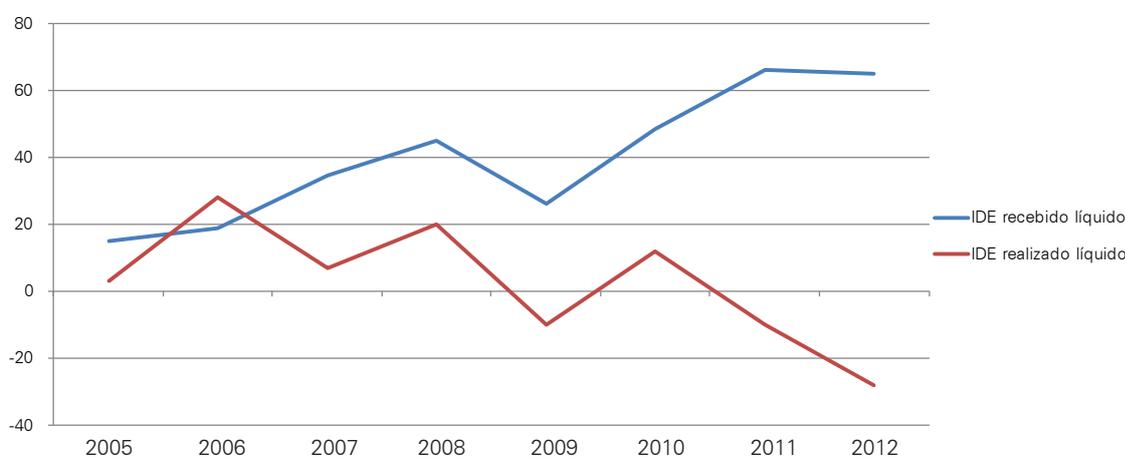
Os serviços financeiros registraram crescimento de 13% no valor dos projetos de IDE, alcançando o patamar de US\$ 80 bilhões. Entretanto, estes ainda permanecem 50% abaixo do valor atingido no período pré-crise. Os projetos de investimento no setor bancário mantiveram-se moderados, na esteira da crise financeira global. Os bancos europeus, que estavam na vanguarda da expansão internacional através de IDE, estiveram em grande parte ausentes, com um grande número deles permanecendo sob o controle do governo.

2. EVOLUÇÃO DOS FLUXOS DE IDE RECEBIDOS E REALIZADOS PELO BRASIL: 2010-2012

No ano de 2011, a participação das economias desenvolvidas nos fluxos globais apresentou crescimento, mas, como destacado anteriormente, há uma tendência de longo prazo na maior importância das economias emergentes como destinos de IDE. Em especial, a América Latina recebeu 14,2% dos fluxos de investimentos internacionais. Neste ano, os fluxos recebidos pelo Brasil alcançaram o patamar de US\$ 67 bilhões em 2011 (Gráfico 5), valor este que represen-

tou 4% do total mundial, um número 36% maior que o ano anterior. Para o ano de 2012, os dados fechados em dezembro evidenciaram o recebimento de um fluxo de US\$ 65 bilhões. A trajetória do Brasil foi extremamente positiva ao longo dos anos como polo atrativo de IDE, e em 2010 já ocupava a posição de oitavo país que mais recebeu fluxos de investimentos, passando à posição de quinto lugar em 2011, superando Cingapura, Reino Unido e Ilhas Virgens.

Gráfico 5 - Investimento direto externo recebido e realizado líquidos, 2005-2012. Em US\$ bilhões.



Fonte: Banco Central. Elaboração NEIT/UNICAMP.

Segundo dados do IEDI (2012), o principal fator explicativo do desempenho relativamente positivo no recebimento de IDE está relacionado com a desaceleração das economias avançadas, que gera um diferencial de crescimento favorável aos países emergentes, e o dinamismo do mercado consumidor brasileiro relativo aos países de origem das Empresas Transnacionais. Segundo os dados do Instituto, o mercado consumidor brasileiro mantém o dinamismo, devendo atingir uma taxa de crescimento entre 7% e 8% em 2012, apesar do

baixo crescimento do PIB.

Pelo lado doméstico, o IEDI (2012) também destaca três fatores que permitiram o bom desempenho do país. Em primeiro lugar, a estratégia mais ampla de gestão dos fluxos de capitais adotada pelo governo. Em segundo lugar, a mudança na política macroeconômica, sobretudo em 2012, com a redução da taxa de juros básica e menor volatilidade da taxa de câmbio. De acordo com a análise do Instituto, através desses dois fatores se tem um desestímulo na entrada de fluxos especulativos atraídos

pelo diferencial de juros e pela volatilidade cambial. Por último, destacam-se as ações do governo no setor de petróleo e energia elétrica que, ao diminuírem as perspectivas de valorização das ações desses setores em conjunção com a queda das cotações internacionais do minério-de-ferro e do petróleo, desencorajaram as aplicações de não-residentes na Bovespa.

Os maiores investidores no Brasil continuam sendo os países desenvolvidos, que ainda enfrentam os impactos da crise de 2008 e buscam em mercados emergentes dinamismo e oportunidades de negócios. Em 2011, o problema do baixo desempenho se exacerbou notadamente na Europa, dados os problemas de endividamento público e falta de confiança no futuro dessas economias. A Tabela 7 indica que para o ano de 2011, os Países Baixos representaram a maior fonte de investimento nos países seguido de Estados Unidos, Espanha e Japão. Já em 2012, os Estados Unidos passaram a ser o maior investidor no Brasil, com 20,3% de participação. Cabe ressaltar o caso do Japão e da Espanha que após uma

recuperação da participação de 2010 para 2011, tiveram forte perda de participação em 2012, passando de 12,4% para 4,2% e de 10,8% para 2,4%, respectivamente. Além desses dois países, evidencia-se a perda de participação dos países Europeus como recebedores de investimento externo. Excluindo os paraísos fiscais, os países que figuram no ranking tiveram perda de participação em 2012.

Vale evidenciar que no ano de 2012, o destaque fica para o Chile, que em 2011 ficou como o décimo oitavo maior investidor no Brasil com uma participação de 1,2%, e em 2012 aparece como sexto maior investidor com 3,3% de participação. Excluindo os paraísos fiscais (Tabela 8), o Chile aparece como quinto maior investidor, com uma participação de 5,7% no total recebido pelo Brasil. A mudança de patamar do Chile está fortemente relacionada aos anúncios de fusões e aquisições entre empresas brasileiras e chilenas. Em 2012, o destaque é a fusão da TAM, do Brasil, com a LAN, do Chile, criando a LATAM Airlines Group.

Tabela 7 - Brasil: Fluxo de IDE1 recebido, por país de origem, 2008-2012. Em % do total.

	2008	2009	2010	2011	2012
	(%)				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Países Baixos	10,4	20,6	12,7	25,3	20,2
Estados Unidos	15,9	15,5	11,7	12,8	20,3
Espanha	8,7	10,8	2,9	12,4	4,2
Japão	9,2	5,3	4,8	10,8	2,4
França	6,5	6,8	6,6	4,5	3,6
Reino Unido	1,6	3,3	2,0	4,4	3,6
Hong Kong	0,1	0,1	0,2	3,0	1,0
Áustria	0,2	0,2	6,5	2,2	1,0
Luxemburgo	13,4	1,7	16,8	2,7	9,9
Canadá	3,2	4,3	1,4	2,6	3,2
Austrália	2,6	2,2	1,1	1,6	0,9
Suíça	1,8	1,2	12,3	1,7	8,5
Coréia do Sul	1,4	0,4	2,0	1,5	7,2
Alemanha	2,4	7,8	1,0	1,6	1,4
Ilhas Virgens Britânicas	2,4	1,3	2,0	1,6	1,4

Fonte: Banco Central. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

¹Não inclui investimentos em bens e imóveis. Inclui investimentos, por empresa, acima de US\$1 milhão

²Dados referentes a janeiro a outubro de 2012

Tabela 8 - Brasil: Fluxo de IDE1 recebido, por país de origem, 2008-2012, excluído paraísos fiscais.

	2008	2009	2010	2011	2012
	(%)				
Total	100,0	100,0	100,0	100	100
Estados Unidos	26,0	22,9	23,9	19,4%	35,3%
Espanha	14,2	16,0	5,9	18,7%	7,2%
Japão	15,1	7,8	9,7	16,4%	4,2%
França	10,6	10,0	13,5	6,7%	6,2%
Reino Unido	2,6	4,8	4,0	6,0%	5,7%
Hong Kong	0,1	0,2	0,3	4,5%	0,3%
Áustria	0,3	0,2	13,3	3,3%	0,3%
Canadá	5,3	6,4	2,9	3,9%	5,6%
Austrália	4,3	3,3	2,2	2,4%	1,4%
Coréia do Sul	2,3	0,6	4,1	2,3%	5,6%
Alemanha	4,0	11,6	2,1	2,5%	2,4%

Fonte: Banco Central. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

¹Não inclui investimentos em bens e imóveis. Inclui investimentos, por empresa, acima de US\$1 milhão.

²Com alguns paraísos fiscais de menor representatividade

É preciso ressaltar a importância da China. De acordo com os dados do Banco Central, os investimentos chineses no Brasil são minoritários. No entanto, a China tem ganhado participação no montante investido. Na realidade, como a maioria dos fluxos não vêm diretamente da China, passando antes por paraísos fiscais, esta triangulação tira a China do topo do ranking. Mas segundo os dados do FDI Markets, que registra os investimentos anunciados, a China foi o décimo segundo maior investidor no Brasil em 2010, passando a ser a quinta colocada em 2011, sendo o segundo maior investidor de acordo com os dados de janeiro a outubro de 2012 disponíveis.

Em termos setoriais (Tabela 9), no ano de 2011, o setor de recursos naturais sofreu retração em relação a 2010. Este setor diminuiu a entrada de fluxos em 37%, passando de uma participação de 31% para 15%, no IDE total recebido pelo país. Já os setores secundário e terciário sofreram expansão, com destaque para este último. O setor industrial teve uma expansão de 26%, no entanto perdeu participação de 40% para 38% do volume total de investimento recebido

entre 2010 e 2011. Enquanto isso, o setor de serviços aumentou o ingresso de investimentos em 118% em relação a 2010 e tornou-se o principal receptor de recursos com 46% de participação.

Como pode ser observado na Tabela 9, o destaque no setor de serviços ficou com a telecomunicação (9,6%) que teve forte expansão de investimento, o comércio (5,7%) e a eletricidade e gás (4,8%). No setor de recursos naturais, a queda de investimento se evidenciou tanto na extração de petróleo e gás como na extração de minerais metálicos. Já na indústria, apesar de uma forte retração nos investimentos em produtos químicos, os produtos alimentícios aumentaram a participação de 4% para 7,3% no total dos IDE. Já em 2012, os dados fechados em dezembro evidenciam uma queda na participação tanto do setor primário como do setor secundário, enquanto o setor de serviços mantém a trajetória de aumento da participação. Neste último, apesar da brusca queda na participação das telecomunicações, os serviços financeiros e o comércio compensam, reforçando o aumento na participação.

Tabela 9 - Brasil: Fluxo de IDE recebido por setor, 2008-2012, em %

	2008	2009	2010	2011	2012
	(%)				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	29,2	6,6	30,9	14,8	10,8
Extração de petróleo e gás natural	3,0	1,7	18,8	8,6	6,1
Extração de minerais metálicos	23,9	4,6	9,1	3,4	2,7
Demais	2,3	0,3	3,0	2,8	2,0
Indústria	31,5	34,0	40,5	38,6	36,7
Metalurgia	11,2	4,1	10,6	10,4	8,8
Produtos alimentícios ¹	5,0	10,8	4,0	10,5	9,2
Produtos minerais não-metálicos	1,5	2,4	2,3	2,2	1,0
Produtos químicos ²	2,6	6,4	14,9	3,6	5,7
Coque, derivados de petróleo e biocombustíveis	3,5	0,1	3,2	2,6	0,6
Demais	7,7	10,4	5,6	9,2	11,4
Serviços	39,2	59,3	28,0	46,0	51,9
Telecomunicações	1,0	1,1	1,3	9,6	0,6
Comércio ³	5,8	4,6	5,0	8,2	9,4
Serviços financeiros ⁴	12,9	41,5	5,2	5,8	9,4
Eletricidade, gás e outras utilidades	2,0	2,9	2,2	4,8	3,4
Construção ⁵	3,9	5,0	1,7	3,5	3,9
Demais	13,6	4,2	12,7	14,7	25,2

Fonte: Banco Central. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

² Dados referentes a produtos alimentícios e bebidas.

³ Dados referentes a produtos químicos e farmacêuticos.

⁴ Comércio, exceto comércio de veículos

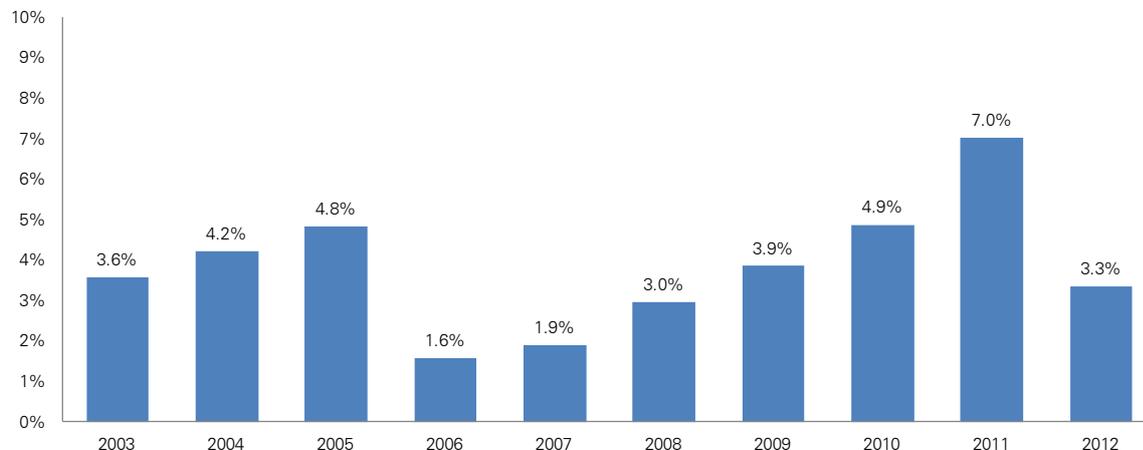
⁵ Dados referentes a serviços financeiros e atividades auxiliares e serviços financeiros - holdings não-financeiras.

As informações retiradas da base **fDi** Markets colaboram para o entendimento da evolução do investimento direto externo. Esta base tem os seus dados compilados pelo Financial Times, a partir de informações corporativas e de acompanhamento da imprensa especializada acerca dos novos projetos de investimentos anunciados. Essas informações são complementares aos divulgados pelos Bancos Centrais sobre IDE, uma vez que englobam apenas anúncios de projetos do tipo *greenfield* ou de expansão da capacidade produtiva. No entanto, embora esses dados apresentem limitações, uma vez que são projetos anunciados pelas empresas e que, eventualmente, podem ser cancelados ou realizados em montante e/ou com *timing* diferente do que foi anunciado e captado pela base de dados, a base oferece importantes indicações e tendências

gerais, que são fundamentais para a análise do movimento do investimento direto externo.

Como pode ser observado no Gráfico 6, a queda dos projetos de investimento *greenfield* no mundo nos últimos anos, como reflexo da crise mundial, significou um aumento na importância relativa do Brasil como um polo atrativo desses fluxos de capitais. Mesmo com a crise, e a consequente diminuição dos fluxos de investimento, o país continuou aumentando a participação no total de IDE recebidos. No entanto, em 2012, os dados consolidados de janeiro a outubro evidenciaram uma queda na participação do Brasil como receptor de IDE anunciado. Em 2011, neste mesmo período (janeiro a outubro), os investimentos anunciados já havia atingido o valor de US\$ 58 bilhões, enquanto em 2012 foram anunciados apenas US\$ 16,3 bilhões até outubro.

Gráfico 6 - Participação relativa do Brasil no valor dos projetos *greenfield* mundiais (em %) (2003-2012*)



*Dados de Janeiro a Outubro de 2012
Fonte: FDI Markets. Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

A análise a seguir detalha os projetos anunciados para o período mais recente, do período 2008-2012, considerando para este último ano, o acumulado entre janeiro e outubro por setor de atividade e por região e país de origem do investimento.

Já em relação aos anúncios de inversões estrangeiras do tipo *greenfield* e de expansão (tabela 10), nota-se o predomínio do setor secundário, embora este setor venha perdendo participação ao longo dos últimos anos, uma vez que em 2008 representava 83,1% das intenções de investimento, e passou para a marca de 54,7% do total em 2012. Esta queda está fortemente relacionada à perda de participação do setor de metalurgia, que de uma participação de 52,3% do total dos investimentos anunciados para o Brasil em 2008, foi ao longo do tempo perdendo participação, atingindo o patamar de

11,7% em 2012. Enquanto isso, segundo esses dados de anúncio de investimento, o setor de serviços vem aumentando a participação desde 2008, e sai do patamar de 10,7%, atingindo 42,3% de participação em 2012, registrando grande salto de participação em relação a 2011. Neste setor, o destaque vai para comunicações que saíram de 0,6% de participação em 2008 e atingiram 31,2% do total de investimentos anunciados em 2012. No caso do setor primário, registra-se uma brusca queda na participação em 2012, após bom desempenho em 2011, com diminuição da importância relativa do setor de energia renovável, que após atingir um pico de participação em 2011 com 9,7%, registrou apenas 1,9% de participação para o acumulado de 2012. A mesma queda de participação verificou-se no setor de petróleo e gás.

Tabela 10 - Brasil: Distribuição dos Projetos greenfield recebidos. Em US\$ milhões e %

Setores	Valores (US\$ milhões)					Part. Relativa (%)				
	2008	2009	2010	2011	2012*	2008	2009	2010	2011	2012*
Total	42.603	36.572	43.040	62.199	16.320	100	100	100	100	100
Primário	2.648	1.992	3.554	6.334	501	6,2	5,4	8,3	13,1	3,1
Minerais	39	2	0	0	129,8	0,1	0	0	0	0,8
Petróleo e Gas	805	1.546	313	2.044	57,2	1,9	4,2	0,7	3,4	0,4
Energia Renovável	1.804	444	3.241	4290	314	4,2	1,2	7,5	9,7	1,9
Secundário	35.389	27.539	30.426	39.444	8.923	83,1	75,3	70,7	60,1	54,7
Alimentos, Bebidas e Fumo	2.350	3.727	2.648	5.995	805	5,5	10,2	6,2	7,6	4,9
Bebidas	116	918	103	305	0	0,3	2,5	0,2	0,5	0,0
Alimentos e Fumo	2.234	2.809	2.545	5.690	805	5,2	7,7	5,9	7,1	4,9
Texteis	15	45	128	171,3	73,6	0	0,1	0,3	0,4	0,5
Madeiras e Papel	91	29	1.162	346,6	281	0,2	0,1	2,7	0,7	1,7
Papel e Celulose	0	29	663	346,6	280,7	0	0,1	1,5	0,7	1,7
Produtos de Madeira	91	0	499	0	0	0,2	0	1,2	0	0,0
Produtos Químicos	1.434	839	828	1364,4	466,2	3,4	2,3	1,9	2,2	2,9
Biotecnologia	0	3	91	2,5	10,5	0	0	0,2	0	0,1
Química	1.430	242	413	1290,3	450,4	3,4	0,7	1	2,2	2,8
Farmacêutica	4	593	324	71,6	5,3	0	1,6	0,8	0	0,0
Borracha e Plástico	602	858	587	2368,6	184	1,4	2,3	1,4	3,7	1,1
Plástico	323	111	202	386,9	179,6	0,8	0,3	0,5	0,5	1,1
Borracha	278	748	385	1981,7	4,4	0,7	2	0,9	3,2	0,0
Minerais Não Metálicos	1.656	0	645	701,6	308,1	3,9	0	1,5	1,1	1,9
Mat. Construção	1.394	0	505	97,5	123,1	3,3	0	1,2	0,1	0,8
Cerâmica e Vidro	261	0	140	604,1	185	0,6	0	0,3	1	1,1
Metalurgia	22.271	16.271	14.302	18.965	1.903	52,3	44,5	33,2	29,7	11,7
Maquinas e equipamentos	923	618	1.586	1942,7	1.144	2,2	1,7	3,7	3	7,0
Motores e turbinas	599	206	134	513,7	356,7	1,4	0,6	0,3	0,5	2,2
Maquinas industriais	324	412	1.452	1429	787	0,8	1,1	3,4	2,5	4,8
Mat. Elétrico e eletrônico	1.897	56	985	1048,6	371,8	4,5	0,2	2,3	1,4	2,3
Eq. Escritório	45	1	43	61,2	55,4	0,1	0	0,1	0,1	0,3
Eletronica de consumo	5	1	661	581,1	29,3	0	0	1,5	0,8	0,2
Componentes eletrônicos	815	54	279	313,5	96,6	1,9	0,1	0,6	0,4	0,6
Semincondutores	1.032	0	3	92,8	190,5	2,4	0	0	0,2	1,2
Instr. Médicos	1	81	108	34,2	49,3	0	0,2	0,3	0,1	0,3
Veículos e Mat. Transporte	3.909	4.998	7.399	6.285	3.237	9,2	13,7	17,2	10	19,8
Aeroespacial	127	95	15	110,2	67,4	0,3	0,3	0	0,1	0,4
Autopeças	95	87	212	404,3	1382,5	0,2	0,2	0,5	0,2	8,5
Automóveis	3.365	4.770	6.683	5.631	1.632	7,9	13	15,5	9,6	10,0
Eq. Transporte não Automotivo	323	45	489	139,2	155,4	0,8	0,1	1,1	0,1	1,0
Produtos de Consumo	241	18	49	221,5	100,9	0,6	0,1	0,1	0,1	0,6
Serviços	4.565	7.040	9.060	16.421	6.896	10,7	19,3	21	26,8	42,3
Hotelaria e turismo	283	225	427	2	6	0,7	0,6	1	0	0,0
Transp., Armazenamento e Com.	1.394	6.581	7.764	14.881	5.448	3,3	18	18	25,4	33,4
Comunicações	242	5.439	7.125	14.295	5.088	0,6	14,9	16,6	24,7	31,2
Transporte	252	1.142	538	516	359,5	0,6	3,1	1,3	0,6	2,2
Armazenamento	900	0	100	70	0	2,1	0	0,2	0	0,0
Serviços Financeiros	1.379	201	468	599,7	434,9	3,2	0,5	1,1	1,2	2,7
Serviços Empresarias	1.510	0	0	731,8	1001,3	3,5	0	0	0	6,1
Assessoria Empresarial	68	174	116	338	191,1	0,2	0,5	0,3	0,6	1,2
Imobiliário/Constr. Civil	1.140	4	63	185,8	309,7	2,7	0	0,1	0,2	1,9
Software e TI	303	215	388	208	500,5	0,7	0,6	0,9	0,4	3,1
Espaço e Defesa	0	6	400	79,3	6,2	0	0	0,9	0,1	0,0
Saúde	0	5	0	116	0	0	0	0	0,2	0,0
Lazer e Entretenimento	0	22	2	11,4	0	0	0,1	0	0	0,0

*Dados de Janeiro a Outubro de 2012

Fonte: FDI Markets. Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

Do ponto de vista do país de origem dos projetos anunciados, é possível observar que, em 2011, houve um aumento da importância dos investimentos anunciados por empresas com sede em países em desenvolvimento (Tabela 11), tendência esta que foi observada desde o pós-crise. Em 2008, os países desenvolvidos tinham uma participação de 94,1% nos investimentos feitos no Brasil, enquanto os países em

desenvolvimento tinham uma de apenas 5,9%. Já em 2012, a participação dos países em desenvolvimento chegou a 22,8% do total global das intenções de investimento destinado ao Brasil. O destaque vai para a América Latina que, em 2008, tinha uma participação de apenas 0,7% e alcança o patamar de 11,5% em 2012. Enquanto isso, a participação dos países desenvolvidos caiu para 77,2% em 2012.

Tabela 11 - Brasil: distribuição dos projetos *greenfield* recebidos. Em valor e %

País/Região	2008	2009	2010	2011	2012*
Valores (US\$ milhões)					
Países Desenvolvidos	40.091	29.915	38.950	50.847	12.605
Estados Unidos e Canadá	8.824	7.897	9.766	13.360	5.418
Ásia	11.492	1.122	1.120	5.368	1.602
União Européia	19.775	20.896	28.064	32.119	5.585
Países em Desenvolvimento	2.512	7.050	4.657	12.103	3.715
América Latina	305	541	2.177	4.913	1.884
Ásia	2.202	5.384	2.469	5.956	1.716
África	-	3	3	1.205	106
Outros	4	1.122	8	30	9
Total Global	42.603	36.965	43.607	62.950	16.320
Part. Relativa (%)					
Países Desenvolvidos	94,1	80,9	89,3	80,8	77,2
Estados Unidos e Canadá	20,7	21,4	22,4	21,2	33,2
Ásia	27	3,0	2,6	8,5	9,8
União Européia	46,4	56,5	64,4	51,0	34,2
Países em Desenvolvimento	5,9	19,1	10,7	19,2	22,8
América Latina	0,7	1,5	5,0	7,8	11,5
Ásia	5,2	14,6	5,7	9,5	10,5
África	-	0,0	0,0	1,9	0,6
Outros	0	3,0	0,0	0,0	0,1
Total Global	100	100	100	100	100

Fonte: FDI Marktes. Elaboração NEIT -IE -UNICAMP
*Dados de Janeiro a Outubro de 2012

Os investimentos anunciados pela América Latina superaram os investimentos anunciados pelos asiáticos em 2012 e atingiu a participação de 11,5%, em contraposição com os 10,5% da Ásia. Já para os países desenvolvidos, a participação dos investimentos anunciados pelos Estados Unidos saltaram de 21,2% em 2011 para 33,2% em 2012. Enquanto isso, a participação dos investimentos prove-

nientes da União Europeia sofreu queda brusca de 51% em 2011 para 34,2% em 2012, evidenciando os problemas enfrentados pela região diante da crise da dívida que assola alguns países.

Observando os países individualmente e considerando o acumulado entre 2009 e 2012 (sendo 2012, o acumulado de janeiro a outubro), os Estados Unidos aparecem como o principal investidor no

Brasil, seguido por Inglaterra, Espanha, Alemanha e Japão (Tabela 12). Entre os países em desenvolvimento, vale destacar a China, que registrou o valor acumulado de US\$ 7,9 bilhões, com participa-

ção de 4,8% nos anúncio de investimento no período, e o México, que aparece com um valor de anúncios de investimentos de US\$ 3,8 bilhões, com 2,4% de participação no total.

Tabela 12 - Valores dos projetos *greenfield* por país de origem (valores acumulados de 2008 a outubro de 2011) (em US\$ milhões e %)

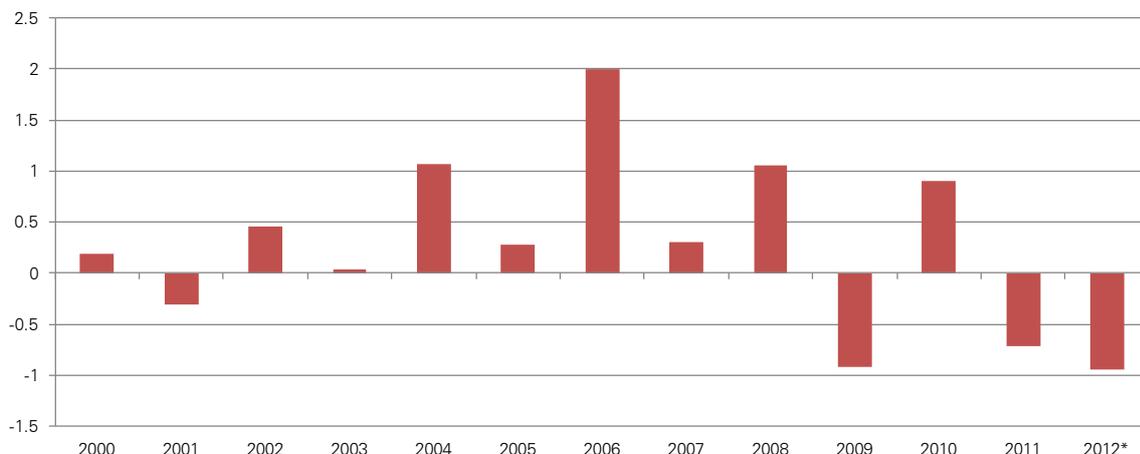
País	Valor	% do Total
Estados Unidos	36.036	22,0%
Reino Unido	19.301	11,8%
Alemanha	14.864	9,1%
França	13.482	8,2%
Espanha	12.601	7,7%
Itália	10.885	6,7%
Japão	8.021	4,9%
China	7.926	4,8%
Luxemburgo	7.878	4,8%
México	3.873	2,4%
Países Baixos	2.710	1,7%
Coréia do Sul	2.344	1,4%
Suécia	2.139	1,3%
Suíça	1.806	1,1%
Bermuda	1.734	1,1%
Noruega	1.670	1,0%
Canadá	1.663	1,0%
Portugal	1.582	1,0%
Colombia	1.549	0,9%
Austrália	1.450	0,9%
Emirados Árabes Unidos	1.405	0,9%
África do Sul	1.188	0,7%
Chile	1.004	0,6%
Total	163.584	100,0%

Fonte: FDI Markets. Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

Considerando os investimentos brasileiros realizados no exterior, evidenciou-se um processo de diminuição do processo de internacionalização das empresas brasileiras em 2011 e 2012 (Gráfico 7). Em 2010, as saídas líquidas

alcançaram o patamar de US\$ 11,5 bilhões, superando as expectativas o Banco Central. No entanto, em 2011, houve uma queda de 91% dessas saídas, fechando o ano com um total bruto de US\$ 1,05 bilhões.

Gráfico 7 - Participação do IBDE no investimento direto externo realizado global, 2000-2012* (%)



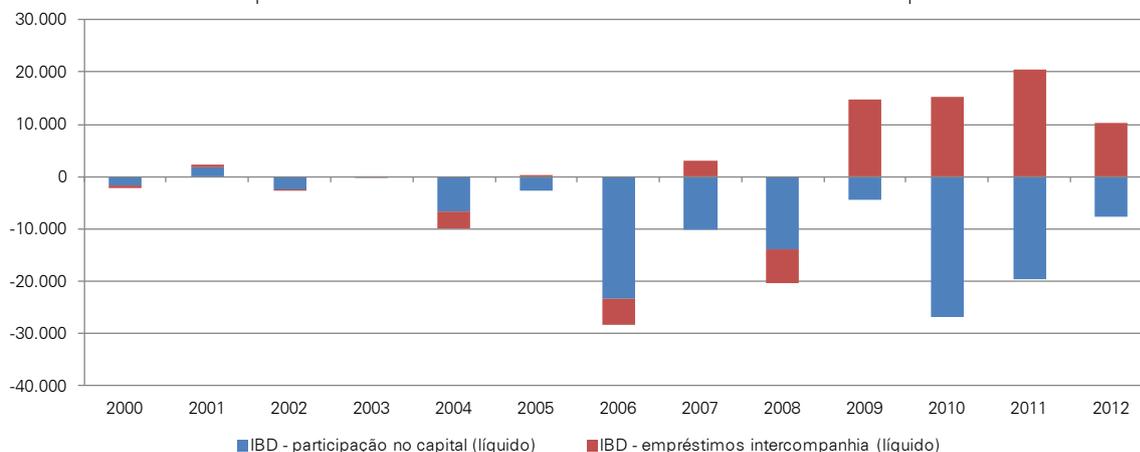
Fonte: Unctad e Banco Central do Brasil. Elaboração: NEIT/IE/UNICAMP.
* Calculado com base nas estimativas da Unctad e BCB para 2012.

Como pode ser observado no Gráfico 5, no início do capítulo, o Brasil repatriou recursos do exterior em 2011 e também em 2012. As empresas brasileiras tiveram a maior repatriação de recursos em toda série histórica do país e desinvestiram US\$ 12,6 bilhões, ficando atrás apenas de Hong Kong em nível de repatriação de recursos dentro dos países em desenvolvimento. Essa repatriação pelo segundo ano consecutivo, segundo IEDI (2012), está relacionada à desaceleração nas economias centrais e ao potencial de crescimento do mercado consumidor brasileiro em relação aos países avançados. O processo de internacionalização das empresas brasileiras continuou devido ao crescimento do retorno dos investimentos feitos por residentes.

Além disso, como se pode observar no Gráfico 8, realizando uma análise por tipo de IBDE, desde 2009, é possível observar que a repatriação está associada basicamente aos empréstimos intercompanhias entre as matrizes brasileiras e as filiais no exterior. Os valores têm sido bastante elevados, o que mostra que estas empresas têm utilizado este canal para contrair empréstimos a baixo custo em mercados estrangeiros para investir no Brasil, cujo mercado consumidor mostra-se mais dinâmico.

Com relação à participação no capital, embora com valores decrescentes desde 2010, continuam mostrando interesse das empresas brasileiras em aplicar recursos diretamente no exterior.

Gráfico 8 - Participação no IBDE por tipo, 2000-2012 (em US\$ bilhões)



Fonte: Unctad e Banco Central do Brasil.
Elaboração: NEIT/IE/UNICAMP.

Em relação à composição geográfica dos investimentos brasileiros no exterior em 2011, destacam-se os paraísos fiscais que receberam quase 60% de todos os investimentos realizados fora do país (Tabela 13). Para 2012, os dados mostram uma queda na participação desses países para aproximadamente 25%, com destaque para a expressiva queda na importância dos Países Baixos, bem como das Ilhas Cayman e Ilhas Virgens Britânicas. Além disso, cabe destacar o aumento expressivo da participação dos investimentos brasileiros na Espanha, que saiu de uma participação de 1% para 12,6%. Excluindo os paraísos fiscais (Tabela

14), tem-se que os Estados Unidos aparecem como o principal destino dos investimentos brasileiros em 2012. Neste mesmo ano, em termos de países desenvolvidos, o destaque vai para a Espanha, cuja participação subiu de 2,5% em 2011 para 19,5%, enquanto o Reino Unido que representava 10,3% do total passou a uma participação de 0,9% em 2012. A Áustria também perdeu grande participação passando de 23,6% em 2011 para 11,2% em 2012. No grupo dos países em desenvolvimento, o destaque é o Chile, cuja participação saiu de 0,9%, em 2011, para 8,9% e o México, que passou de uma participação de 1,5% para 7,6%.

Tabela 13 - Brasil: Principais destinos de IBDE bruto, 2009-20112. Em %

	2009	2010	2011	2012
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Países Baixos	5,5	11,2	36,4	8,9
Áustria	4,6	1,6	9,6	6,6
Estados Unidos	22,7	12,7	9,6	13,4
Ilhas Cayman	28,4	39,7	9,2	5,5
Ilhas Virgens Britânicas	5,6	1,6	6,3	3,7
Canadá	0,1	-	5,7	0,2
Argentina	2,4	1,6	4,9	4,5
Reino Unido	2,8	0,2	4,2	1,2
Panamá	0,7	2,8	2,0	1,0
Bermudas	0,1	2,7	1,3	0,2
Bahamas	3,6	2,7	1,1	2,2
Espanha	4,8	1,2	1,0	12,6
Uruguai	1,0	0,6	1,0	1,8
Colômbia	0,2	0,1	0,9	2,4
Luxemburgo	3,0	4,5	0,8	1,1
Outros	15,5	16,8	6,0	34,8

Fonte: Banco Central do Brasil/Elaboração Neit

Tabela 14 - Brasil: Principais destinos de IBDE, 2008-2012, excluindo paraísos fiscais.
Em %.

	2008	2009	2010	2011	2012
			(%)		
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Estados Unidos	53,0%	46,9	41,8	23,6%	17,5%
Áustria	3,0%	9,5	5,0	23,6%	8,6%
Reino Unido	2,0%	5,7	0,6	10,3%	1,6%
Argentina	7,0%	5,0	5,6	12,2%	5,9%
Espanha	1,0%	9,9	3,8	2,5%	16,5%
Uruguai	5,0%	2,0	1,9	2,4%	2,4%
Colômbia	2,0%	0,5	0,4	2,2%	3,1%
México	1,0%	2,2	0,8	1,5%	5,3%
Portugal	1,0%	8,2	10,3	1,0%	1,2%
Chile	6,0%	1,4	9,5	0,9%	10,2%
Peru	0,0%	4,2	1,1	0,6%	0,6%
Outros ¹	19,0%	4,5	19,2	19,1%	27,0%

Fonte: Banco Central do Brasil

¹ Inclui alguns paraísos fiscais de menor representatividade

Em termos de divisão setorial, como se pode observar na tabela 15, para os fluxos de IDE realizados pelo Brasil, nota-se que a participação em atividades ligadas aos recursos naturais sofreu queda em 2011, após um bom desempenho no pós-crise. No entanto, os dados do Banco Central indicam que, em 2012, a participação teve grande salto neste setor, passando de um patamar de 3,6% para 11%.

A participação da indústria como re-

ceptora das inversões brasileiras subiu de 33% para 51,2%, com destaque para setor de produtos alimentícios. O setor de serviços manteve a concentração de maior parte do IBDE realizado em 2012, mas sofreu queda na participação, passando de 63% para 61%. Essa queda foi decorrente de grande perda de participação dos serviços financeiros na saída de investimentos brasileiros que caíram de US\$ 11 bilhões para US\$ 4,6 bilhões.

Tabela 15 - Brasil: Saída bruta de IDE, por setor, 2008-2011. Em %

	Variação (%)				Participação (%)				
	09/08	10/09	11/10	12/11	2008	2009	2010	2011	2012
Saídas totais	-54,8	286,0	-22,4	-52,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
			0,0	0,0				0,0	0,0
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	-36,3	365,7	-65,3	45,2	4,7	6,6	8,0	3,6	11,0
Extração de petróleo e gás natural	413,6	33,5	62,2	14,3	0,2	1,7	0,6	1,2	3,0
Extração de minerais metálicos	-53,7	420,0	-85,2	-89,7	4,5	4,6	6,2	1,2	0,3
Demais	214,3	1.511,1	-24,2	229,5	0,0	0,3	1,2	1,1	8,0
Indústria	-65,2	286,5	-23,7	-27,6	44,3	34,0	34,1	33,5	51,2
Produtos minerais não-metálicos	-69,7	569,2	20,9	-52,2	3,5	2,4	4,1	6,4	6,4
Produtos alimentícios ¹	-47,0	332,5	-74,0	58,2	9,2	10,8	12,0	4,0	13,5
Coque, derivados de petróleo e biocombustíveis	-99,6	20.626,2	-59,0	-98,1	9,2	0,1	4,8	2,5	0,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-54,5	811,0	-38,9	-69,4	1,8	1,8	4,3	3,4	2,2
Celulose, papel e produtos de papel	21.900,0	-94,9	2910,9	-97,5	0,0	2,8	0,0	1,4	0,1
Metalurgia	-92,3	488,0	-3,1	-61,9	23,8	4,1	6,2	7,8	6,2
Demais	35,4	1.121,4	137,0	21,0	0,3	0,8	2,6	8,0	20,5
Serviços	-47,4	276,8	-15,7	-53,9	51,0	59,3	57,9	62,9	61,3
Serviços financeiros ²	-55,8	357,8	-24,8	-58,4	42,4	41,5	49,2	47,7	41,9
Telecomunicações	-27,6	-2,6	1124,0	-84,7	1	1,1	0,3	4,3	1,4
Comércio, exceto veículos	9,5	34,4	-7,8	-70,7	1,9	4,6	1,6	1,9	1,2
Eletricidade, gás e outras utilidades	887,0	-86,3	2386,5	-43,4	0,1	2,9	0,1	3,3	3,9
Construção ³	-19,1	29,9	-60,3	96,8	2,8	5,0	1,7	0,9	3,6
Demais	-24,1	4.521,8	-49,2	-17,4	0,3	0,6	6,7	4,4	7,7

Fonte: Banco Central. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP

¹ Dados referentes a produtos alimentícios e bebidas.

² Dados referentes a serviços financeiros e atividades auxiliares e serviços financeiros - holdings não-financeiras.

³ Dados referentes a obras de infra-estrutura e construção de edifícios e Serviços de arquitetura e engenharia

Observando os dados a partir da base FDI Marktes para os projetos *greenfield*, podemos observar através da tabela 16, diferentemente da análise feita pelos fluxos de IBDE, que o setor de serviços é o

que tem menor participação, ficando com apenas 14% dos investimentos realizados pelo Brasil. Enquanto isso, o setor primário mantém a maior participação, seguido do setor secundário.

Tabela 16 - Projetos de Investimentos *Greenfield* de empresas brasileiras no exterior (2008-2012*). Em US\$ milhões e %

	US\$ milhões					Part. Relativa (%)				
	2008	2009	2010	2011	2012*	2008	2009	2010	2011	2012*
Total	16.909	9.674	10.092	4.659	2.777	100	100	100	100	100
Primário	5.936	3.580	2.327	1.797	1.540	35,1	37	23,1	39%	55%
Minerais	3.200	0	0	0	0	18,9	-	-	0%	0%
Petróleo e Gas	2.616	1.106	1.793	1.640	500	15,5	11,4	17,8	35%	18%
Energia Renovável	119	2.475	535	156	1040	0,7	25,6	5,3	3%	37%
Secundário	10.789	5.959	7.465	2.163	860	63,8	61,6	74	46%	31%
Alimentos e Fumo	86	137	208	488	61	0,5	1,4	2,1	10%	2%
Texteis	264	178	106	356	2	1,6	1,8	1,1	8%	0%
Biotecnologia	0	7	0	2	0	-	0,1	0	0%	0%
Quimica	599	0	303	184	77	3,5	-	3	4%	3%
Plástico	237	5.008	15	23	0	1,4	51,8	0,1	0%	0%
Borracha	64	3	0	23	0	0,4	0	-	0%	0%
Mat. Construção	0	20	550	250	0	-	0,2	5,5	5%	0%
Ceramica e Vidro	0	0	10	90	0	-	-	0,1	2%	0%
Metalurgia	8.959	536	5.959	564	614	53	5,5	59	12%	22%
Maquinas industriais	0	0	97	0	5	-	-	1	0%	0%
Eq. Escritório	1	1	0	17	2	0	0	-	0%	0%
Componentes eletronicos	52	5	124	0	3	0,3	0,1	1,2	0%	0%
Instr. Médicos	4	0	2	17	0	0	-	0	0%	0%
Aeroespacial	339	16	24	36	62	2	0,2	0,2	1%	2%
Autopeças	121	30	41	20	11	0,7	0,3	0,4	0%	0%
Automóveis	20	4	25	72	0	0,1	0	0,2	2%	0%
Produtos de Consumo	44	15	1	21	23	0,3	0,2	0	0%	1%
Serviços	184	136	300	700	377	1,1	1,4	3	15%	14%
Hotelaria e turismo	27	0	5	0	0	0,2	-	0,1	0%	0%
Comunicações	0	34	5	287	226	-	0,3	0	6%	8%
Transporte	5	0	0	1	0	0	-	-	0%	0%
Armazenamento	0	0	207	0	0	-	-	2	0%	0%
Serviços Financeiros	112	57	64	273	67	0,7	0,6	0,6	6%	2%
Assessoria Empresarial	16	3	0	12	25	0,1	0	-	0%	1%
Software e TI	24	42	19	107	59	0,1	0,4	0,2	2%	2%
Saúde	0	0	0	21	0	-	-	-	0%	0%

*Dados de Janeiro a Outubro de 2012
Fonte: FDI Markets. Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

Em 2011, houve retração tanto no setor primário, como no secundário. No setor primário a maior queda foi observada no setor de energia renovável. Apesar dessa queda, o setor primário aumentou a participação relativa pelo segundo ano consecutivo depois da brusca queda ocorrida em 2010. Em 2011, a participação do setor no total anunciado de IBDE *greenfield* foi de 39% e atingiu a marca de 55% do total em 2012.

Por outro lado, o setor secundário sofreu retração na participação de anúncios de investimento. O setor já tinha perdido participação em 2011, saindo de um patamar de 74% em 2010 para 46%. Em 2012, para os dados de janeiro a outubro, verificou-se nova queda de participação, ficando com 31%.

No setor de serviços, em 2011, houve um grande aumento na participação dos in-

vestimentos brasileiros anunciados na categoria de serviços financeiros, saindo de 3% de participação e atingindo um montante de 15%. Este salto esteve relacionado ao aumento nos investimentos anunciados em comunicações e serviços financeiros. Em 2012, os anúncios tiveram uma participação de 14% no total, diante de queda na participação dos serviços financeiros.

Em termos regionais, como pode ser observado na tabela 17, os investimentos anunciados continuaram concentrados nos países em desenvolvimento, com destaque para a América Latina. Em 2011, os investimentos brasileiros retraíram tanto para países desenvolvidos como para países em

desenvolvimento. Para o primeiro grupo de países, cabe destaque a redução de fluxo de investimentos notadamente para os Estados Unidos e Canadá, enquanto que para o segundo grupo de países, a América Latina teve drástica redução de fluxos de investimento, enquanto a Ásia recebeu grande montante desses fluxos. Em 2012, houve uma participação ainda maior dos países em desenvolvimento em detrimento dos países desenvolvidos que perderam participação de 23,3% para 7,6% nos anúncios de investimento *greenfield*, com destaque para a forte queda na participação dos Estados Unidos (19,2% em 2011 para 4,2% em 2012).

Tabela 17 - Brasil: distribuição dos projetos *greenfield* realizados por empresas brasileiras. Em valor e %

País/Região	2008	2009	2010	2011	2012
Valores (US\$ milhões)					
Países Desenvolvidos	5277	350	4.378	1072,8	212
Estados Unidos e Canadá	576	266	3.562	883,6	117
Ásia	4227	-	32	-	-
União Européia	473	84	784	189,2	94
Países em Desenvolvimento	11632	9324	5.713	3540,3	2.565
América Latina	4791	8111	3.015	1122,4	2.140
Ásia	2914	1	1.434	431,8	25
África	1604	775	800	1829,8	9
Outros	2323	437	464	156,3	391
Total Global	16909	9674	10.092	4.613	2.777
Part. Relativa (%)					
Países Desenvolvidos	31,2	3,6	43,4	23,3%	7,6%
Estados Unidos e Canadá	3,4	2,8	35,3	19,2%	4,2%
Ásia	25	-	0,3	-	-
União Européia	2,8	0,9	7,8	4,1%	3,4%
Países em Desenvolvimento	68,8	96,4	56,6	76,7%	92,4%
América Latina	28,3	83,8	29,9	24,3%	77,1%
Ásia	17,2	0	14,2	9,4%	0,9%
África	9,5	8	7,9	40%	0%
Outros	13,7	4,5	4,6	3%	14%
Total Global	100	100	100	100%	100%

*Dados de Janeiro a Outubro de 2012
Fonte: FDI Markets. Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

Considerando os países de maneira individualizada, o país que mais recebeu anúncio de investimentos brasileiros em 2011, em termos de valor, foi o Moçambique, seguido dos Estados Unidos, Malawi e China. Já em 2012, para os dados de janeiro a outubro, o México ficou em primeiro lugar, seguido da Argentina, Peru, Chile e Panamá. Os Estados Unidos aparecem em sétimo lugar, depois da Colômbia, e não houve nenhum anúncio de investimento para a China.

Considerando-se as informações por

empresas, a JBS-Friboi manteve, em 2011, a posição de empresa mais internacionalizada, segundo o ranking elaborado pela Fundação Dom Cabral, porém com um índice de transnacionalidade inferior ao registrado em 2010, quando o índice foi de 0,6 (Tabela 18). A Gerdau passou a Stefanini IT Solutions e ficou em segundo lugar em 2011, passando de um índice de 0,46 para 0,51. Em 2011, a Vale e a Suzano deixam de figurar entre as dez empresas mais internacionalizadas, aparecendo no ranking a Tigre e a Magnesita.

Tabela 18 - Brasil: As dez empresas brasileiras mais internacionalizadas em 2011

	Empresa	Setores Principais	IT*
1	JBS-Friboi	Alimentos	0.538
2	Gerdau	Siderurgia e Metalurgia	0.516
3	Stefanini IT Solutions	Tecnologia da Informação	0.464
4	Metalfrio	Refrigeradores	0.452
5	Marfrig	Alimentos	0.444
6	Ibope	Pesquisa de Mercado e Opinião	0.438
7	Odebrecht	Construção	0.424
8	Sabó	Autopeças	0.363
9	Magnesita	Produtos Refratários	0.361
10	Tigre	Material de Construção	0.298

Fonte: Fundação Dom Cabral (2012)

3. DIMENSÃO REGIONAL DO INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO

3.1 EVOLUÇÃO DOS FLUXOS DE IDE RECEBIDOS E REALIZADOS PELA AMÉRICA LATINA

Em 2011, os fluxos de investimento direto externo destinado à América Latina e Caribe cresceram 28%, passando de cerca de US\$ 120 bilhões para aproximadamente US\$ 154 bilhões. Ainda que este crescimento tenha sido menor que o apresentado entre em 2010 (54%), ele superou a média mundial de aumento do IDE, que foi 16%. Como consequência, a participação da região nos fluxos mundiais elevou-se de 9% em 2010 para 10% em 2011 (tabela 1).

O Brasil, principal receptor dos investimentos destinados à região, teve sua participação aumentada ainda mais, recebendo 43% do IDE recebido pela América Latina, enquanto em 2010 seu peso era de 40%. O México está na segunda posição dos maiores receptores, embora tenha tido queda de 6% nas inversões estrangeiras recebidas no ano passado, concentrou 12% do IDE. Destacam-se também o Chile e Colômbia nas terceira e quarta posições, respectivamente. Ambos os países, assim como o Brasil, apresentaram valores recordes de influxo de IDE. O primeiro, com US\$1,7 bilhões, representou cerca de 11% das inversões para a América Latina e Caribe e o segundo, 8,5% (Cepal, 2012).

Este aumento dos influxos na região é explicado por duas razões principais. Em primeiro lugar pelo atual e potencial de crescimento dos países latino-americanos, ainda mais em um contexto de baixo dinamismo das economias desenvolvidas, em especial a Europa. Enquanto os países desenvolvidos cresceram 1,5% em 2011, a América Latina e Caribe cresceu 4,7%. Ademais, a expectativa é de que esta assimetria de dinamismo econômico continue nos próximos anos dada a manutenção dos efeitos da crise internacio-

nal sobre os países centrais e a rígida austeridade fiscal que diversas economias da zona do euro têm buscado para enfrentar suas crises de dívida pública.

Dados da base *fDi Markets*, compilados pelo *Financial Times*, reforçam o argumento ao mostrarem que o motivo predominante dos anúncios de IDE do tipo *greenfield* e de expansão na América Latina e Caribe é o potencial de crescimento do mercado doméstico. Em segundo lugar, tem-se a busca por recursos naturais (extração e processamento). Com exceção do Brasil e do México, que concentraram 46% e 53% do IDE recebido no setor de serviços, respectivamente, os demais países latino-americanos apresentam como padrão setorial do IDE recebido a concentração nas atividades ligadas aos recursos naturais (Cepal, 2012).

Em relação à origem dessas inversões, dados da Cepal (2012) mostram que desde 2003 a União Europeia é a principal região investidora na América Latina e Caribe sendo responsável por cerca de 40% do IDE no período. Nos anos de 2010 e 2011, os valores anunciados pela Europa Ocidental representaram 45% e 43%, respectivamente, do total de anúncios de novos investimentos (tabela 19). Sendo os principais países investidores os Estados Unidos com 18 % em 2010 e 21% em 2011, e Espanha, com 12% e 10% para os mesmos anos. Nestes anos, os anúncios de IDE para a região reduziram-se passando de 7,0% em 2009 para 2,7% em 2010 e 0,9% em 2011 (tabela 20). Já os investimentos anunciados pela América Latina e Caribe na própria região perderam participação entre os anos de 2009 e 2011, passando de 15% para 10,6%, refletindo essencialmente a redução dos investimentos

brasileiros.

Contudo, esta configuração mostra-se bastante alterada em 2012. Durante janeiro e outubro deste ano, a América do Norte que já vinha tendo sua participação aumentada em 2010 e 2011 passou a ser a principal região investidora na América Latina e Caribe, com quase 40% do IDE divulgado, ao passo que a Europa Ocidental coube 30% das inversões (tabela 19). Esta mudança reflete principalmente a grande queda relativa dos investimentos anunciados pelas empresas espanholas e britânicas e a queda menos que proporcionalmente dos investimentos norte-americanos e canadenses, que conferiram a estes países aumento na participação

dos investimentos totais anunciados do tipo *greenfield* e de expansão.

É importante destacar também a evolução dos investimentos da região da Ásia e Pacífico, que passou de 6,4% em 2009 para 16% em 2011, em função principalmente dos investimentos do Japão, China, Austrália e Coreia do Sul. Ademais, o Brasil ganha participação, passando a representar 5,5% dos IDE totais (tabela 20), contudo este aumento é amenizado pela perda de participação de outros países na América Latina e Caribe, fazendo com que a região seja responsável por 11,7% dos IDE anunciados recebidos por ela entre janeiro e outubro de 2012.

Tabela 19 - Anúncios de IDE¹ destinado à América Latina e Caribe, por regiões de origem, 2009-2012²

Regiões de origem	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ milhões				% Participação Relativa			
Europa Ocidental	61.538,2	54.195,3	60.360,2	13.888,1	50,8	45,1	43,4	30,5
América do Norte	31.365,7	30.430,0	39.337,8	18.003,6	25,9	25,3	28,3	39,5
Ásia e Pacífico	7.774,3	18.652,3	22.247,0	7.447,7	6,4	15,5	16,0	16,4
América Latina e Caribe	18.103,8	12.511,9	14.705,3	5.313,1	14,9	10,4	10,6	11,7
Resto da Europa	963,6	2.520,2	395,1	146,9	0,8	2,1	0,3	0,3
Oriente Médio	1.419,3	1.467,8	740,8	549,5	1,2	1,2	0,5	1,2
África	85,5	503,0	1.166,7	173,3	0,1	0,4	0,8	0,4
Total	121.250	120.280	138.953	45.522	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Tabela 20 - Anúncios de IDE¹ destinado à América Latina e Caribe, por países de origem selecionados, 2009-2012²

	2009	2010	2011	2012 ²
	% Participação Relativa			
Estados Unidos	22,3	17,8	20,9	29,6
Espanha	12,2	12,7	10,2	8,6
Canadá	3,6	7,5	7,4	10,0
Alemanha	5,3	9,7	5,2	6,0
Reino Unido	7,3	5,6	12,8	2,5
Japão	1,3	5,5	7,2	5,8
França	9,5	4,9	4,5	2,8
China	2,4	6,0	4,5	7,4
Itália	5,3	4,3	3,8	4,0
Brasil	7,0	2,7	0,9	5,4

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Em termos setoriais, os anúncios de IDE do tipo novos projetos para a América Latina e Caribe concentraram-se em metais (23%) e comunicações (24%). O setor de petróleo, gás e carvão, que em 2010 atraiu 17% dos anúncios, no ano seguinte representou apenas 5% do IDE, colaborando para o aumento do peso do setor de comunicações, que no ano anterior registrou apenas 10% das inversões para América Latina e Caribe. O setor automotivo sofreu leve perda de participação passando de 9,7% em 2010 para 8,6% em 2011, enquanto o setor de energia renovável e alternativa seguiu estável em torno de 7% após concentrar 11% dos valores divulgados em 2009 (tabela

21). Dos investimentos anunciados pelos EUA e Espanha entre janeiro de 2003 e outubro de 2012 destinados a América Latina e Caribe, sobressaem-se os setores de carvão, petróleo e gás natural, comunicações e energia alternativa e renovável. Os EUA também concentraram suas inversões no setor de metais. No caso das inversões chinesas, houve concentração primeiramente no setor de metais, segundo lugar para o petróleo, carvão e gás, e empatado na terceira posição o automotivo, alimento e tabaco. No caso dos investimentos anunciados brasileiros, além de metais e petróleo, carvão e gás, destacam-se energia renovável e alternativa, química e plásticos.

Tabela 21 - IDE¹ anunciado para a América Latina e Caribe, por setor de atividade econômica, 2011 e 2012²

Setor Industrial	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ Milhões				% Participação Relativa			
Metais	21.580,9	29.557,4	32.324,3	8.108,9	17,8	24,6	23,3	17,8
Petróleo, Carvão, Gás Natural	11.473,3	20.419,9	6.685,2	925,2	9,5	17,0	4,8	2,0
Comunicações	20.742,5	12.126,6	34.233,4	7.869,8	17,1	10,1	24,6	17,3
Automotivo	7.962,7	11.663,2	11.919,1	3.337,8	6,6	9,7	8,6	7,3
Energia Renovável e Alternativa	13.313,0	8.457,9	10.539,6	4.478,2	11,0	7,0	7,6	9,8
Total	121.250,4	120.280,5	138.952,9	45.522,1	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Em relação aos investimentos realizados pela América Latina e Caribe, dados da Unctad mostram queda de 31%, passado de cerca de US\$ 45 bilhões em 2010 para US\$ 30,8 bilhões em 2011. Este fato fez com que a região perdesse participação no total de IDE realizado no mundo. Após representar 3,5% em 2010, suas inversões somavam apenas 2% do total global em 2011.

Esse retrocesso é explicado em grande medida pela redução das inversões brasileiras, que em 2010 foram da ordem de US\$ 11,5 bilhões e em 2011 foram de US\$ 1 bilhão negativo, evidenciando uma queda de 109% e repatriação de capital. Dessa forma, o Brasil, que era o segundo maior realizador de investimentos da América La-

tina e Caribe em 2010 – perdendo apenas para México –, mostra-se com participação negativa no ano seguinte. Dados da Unctad destacam em 2011: Chile, com US\$ 11,8 bilhões e participação de 38% no IDE realizado pela região; México, mesmo com queda de 34% nas inversões entre 2010 e 2011, concentrou 29% do investimento enviado pela América Latina (US\$ 9 bilhões); e Colômbia que com US\$ 8 milhões representou 27% do IDE latino-americano e caribenho. Apesar da queda dos investimentos dada a conjuntura negativa dos mercados internacionais (especialmente os desenvolvidos), o processo de internacionalização das empresas da região mantêm-se como tendência de longo prazo.

Cepal (2012) afirma que o principal des-

tino destes investimentos é a própria América Latina e Caribe. Traz ainda que para o México, além da região, também é destino principal os EUA. Já os investimentos chilenos concentram-se na Argentina, Brasil, Colômbia e Peru. No caso da Colômbia, a Centro América seria o maior receptor.

Dados do FDI Markets também trazem a América Latina e Caribe como principais destinos dos investimentos anunciados pela própria região. Após queda entre 2009 e 2010, passado de 70% do total divulgado para 54%, a região, em 2011, concentrou 67% das inversões anunciadas por ela, em detrimento da região da Ásia e Pacífico (que passou de 12% para 4,2%) e da América do Norte, cujos investimentos recebidos representaram 17,4% do total do IDE enviado pela América Latina e Caribe, e apenas 9,5% em 2011 (tabela 22). Destaca-se, também, a participação da

África e do Oeste Europeu. O primeiro saiu de patamares em torno de 3% em 2009 e 2010 para concentrar 8% dos anúncios de IDE latino-americano e caribenho em 2011. Já a participação do Oeste Europeu tem mostrado com contínuo crescimento passando de 4,3% em 2009 para 6,6% em 2010 e 9,7% em 2011. Dados de janeiro a outubro de 2012 evidenciam crescimento ainda maior da América Latina e Caribe como receptora dos investimentos do tipo *greenfield* e de expansão anunciados por suas empresas, concentrando quase 70% deles. Contudo, algumas tendências revertem-se: América do Norte passa a representar 14,5% e Ásia e Pacífico 7,5%, em detrimento do Oeste Europeu que sofre queda para apenas 3,6% do total dos anúncios de IDE realizados pela região, bem como a África, concentrando apenas 3,0% (tabela 22).

Tabela 22 - IDE¹ anunciado pela América Latina e Caribe, por regiões de destino, 2009-2012²

Regiões de destino	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ bilhões				% Participação Relativa			
América Latina e Caribe	18.103,8	12.511,9	14.705,3	5.313,1	69,5	53,7	66,9	69,4
Ásia e Pacífico	3.462,8	2.785,7	919,3	573,7	13,3	12,0	4,2	7,5
Europa Ocidental	1.126,9	1.536,2	2.121,4	278,6	4,3	6,6	9,7	3,6
América do Norte	984,1	4.063,6	2.082,9	1.108,6	3,8	17,4	9,5	14,5
África	842,0	821,6	1.783,0	224,4	3,2	3,5	8,1	2,9
Oriente Médio	559,5	1.323,5	215,5	39,1	2,1	5,7	1,0	,5
Resto da Europa	971	267	143	117	3,7	1,1	0,6	1,5
Total	26050,23	23309,126	21970,06	7654,742	100	100	100	100

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Em termos setoriais, os anúncios de IDE realizados pela América Latina e Caribe concentraram-se em 2011 nos setores de comunicação (39%), metais (16%), petróleo, carvão e gás natural (12%) e serviços financeiros (10%). É importante ressaltar que o setor de comunicações embora sempre se configure entre as primeiras posições de destino do IDE latino-americano e caribenho, segundo a base de dados do FDI Markets, apresentou uma participação excepcional em 2011, dado que em 2009 representava 19% do IDE realizado e apenas 7% em 2010. Para 2012, a expectativa é de que este setor continue

como sendo o principal destino das inversões da região. Já o setor de petróleo, carvão e gás natural tem apresentado queda de participação desde 2009, quando arrecadou 22% do IDE da região. Já em 2010 e 2011, os valores foram 14% e 12% respectivamente. Dois outros setores que perderam bastante peso foram plásticos e energia renovável e alternativa passando de 19% e 10% em 2009, respectivamente, para 1% cada em 2011. Entretanto, dados de janeiro a outubro de 2012 mostram forte recuperação da participação do setor de energia renovável e alternativa com 14% dos anúncios de IDE (tabela 23).

Tabela 23 - IDE¹ anunciado pela América Latina e Caribe, por setor de atividade econômica, 2011 e 2012²

Setor Industrial	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ Milhões				% Participação Relativa			
Petróleo, Carvão e Gás Natural	5.731,2	3.190,2	2.542,6	501,8	22,0	13,7	11,6	6,6
Comunicações	4.868,2	1.637,6	8.470,9	1.822,2	18,7	7,0	38,6	23,8
Metais	1.202,7	5.993,5	3.414,0	972,6	4,6	25,7	15,5	12,7
Serviços Financeiros	1.557,1	1.962,6	2.163,3	651,3	6,0	8,4	9,8	8,5
Plásticos	5.068,9	3.050,2	147,5	400,0	19,5	13,1	0,7	5,2
Energia Renovável e Alternativa	2.598,6	1.697,4	156,3	1.040,4	10,0	7,3	0,7	13,6
Total	26.050	23.309	21.970	7.655	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

3.2 EVOLUÇÃO DO IDE ENTRE BRASIL E AMÉRICA LATINA

Os investimentos da América Latina e Caribe destinados ao Brasil, segundo dados do Banco Central, representaram em torno de 3,0% do total recebido pelo país em 2010. Este valor sofreu leve redução em 2011, porém em 2012 a América latina ganhou importância como fonte IDE recebido pela economia brasileira, tendo uma participação de cerca de 8,5%. Dentre os

países latino-americanos, destaca-se nos três anos discutidos aqui a participação do Chile, que passou de cerca de 1,0% do IDE total recebido pelo Brasil em 2010 para 3,3% em 2012, sendo a principal fonte de inversões destinadas ao Brasil dentro da América Latina (tabela 25). Porém, o peso da América Latina como geradora de investimento para o Brasil ainda é baixo.

Tabela 24 - Participação da América Latina e de países selecionados no IDE total recebido pelo Brasil, 2010-2012.

% em relação ao total recebido			% em relação ao IDE latino-americano recebido				
	2010	2011	2012		2010	2011	2012
América Latina	3,0	2,5	8,6	América Latina	100	100	100
Chile	1,4	1,2	3,3	Chile	38,8	48,5	38,8
México	0,2	0,4	0,6	México	7,4	17,3	7,4
Panamá	0,2	0,4	0,4	Panamá	4,4	14,5	4,4
Argentina	-	0,1	0,4	Argentina	5,1	5,6	5,1
Uruguai	0,4	0,4	-	Uruguai	-	17,6	-
Peru	0,1	0,2	0,2	Peru	2,2	8,2	2,2
Colômbia	-	0,1	0,3	Colômbia	3,0	2,7	3,0

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Dados de anúncios de IDE do tipo *greenfield* e de expansão também mostram relativa baixa importância da região como investidor no Brasil, colocando a América Latina e Caribe na quarta posição desde

2007 (em geral representando em torno de 5% do valor total anunciado). Embora a participação da mesma tenha crescido em 2011 chegando a 12%, dados preliminares de 2012 apontam retorno ao pa-

drão anterior ao apresentarem um peso de 4,7% para a região.

Analisando os países latino-americanos e caribenhos de forma individualizada, dados do FDI Markets colocam como importantes inversores da região no Brasil em 2012: a Colômbia (com quase 40% do IDE anunciado recebido pelo Brasil originado na região), o México (33%), o Chile (14,5%) e a Argentina (12,7%). Estes países foram praticamente os mesmos principais inversores da região no Brasil, em termos de anúncios de IDE, em 2011, com exceção do Chile, que representou apenas 1,0% e da Venezuela que em 2011 concentrou 17,3% das inversões e em 2012 não anunciou nenhum projeto no Brasil (tabela 25).

O principal setor de destino dos anún-

cios de IDE latino-americano e caribenho no Brasil é o de comunicações, que em 2010 e em 2011 concentrou 50% e 57%, respectivamente, do valor total anunciado para o país. Contudo, é importante colocar que este setor perdeu participação nestes dois últimos anos, já que em anos anteriores chegou a ser responsável por cerca de 88% das inversões. Em 2012, o setor volta a ganhar participação, chegando responder por 71% dos investimentos anunciados pela América Latina e Caribe para o Brasil entre janeiro e outubro. No mesmo período, porém, há o destaque para alimentos e bebidas que retomam importante participação (vista previamente em 2009 e 2010) e respondem por 19% das inversões anunciadas.

Tabela 25 - IDE¹ anunciado por países selecionados da América Latina e Caribe destinado ao Brasil, 2011 e 2012²

País	2011		2012 ²	
	US\$ milhões		% Participação Relativa	
Venezuela	849,3	0,0	17,3	0,0
México	2.101,9	623,2	42,7	32,9
Bermudas	4,7	9,4	0,1	0,5
Argentina	706,8	240,3	14,4	12,7
Colômbia	802,6	746,6	16,3	39,4
Chile	50,1	273,8	1,0	14,5
Peru	377,5	0,0	7,7	0,0
Ilhas Cayman	25,0	0,0	0,5	0,0
Total	4.917,9	1.893,3	100,0	100,0

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Em 2011, destacaram-se os projetos dos grupos: mexicano America Movil no valor de US\$ 1,2 bilhões no setor de comunicações; venezuelano Companhia Anonima Nacional Telefonos no valor de US\$ 800 milhões no setor de comunicações; colombiano Isa no valor de US\$ 746 milhões no setor de comunicações, argentino Aluar alumínio no valor de US\$ 674 milhões no setor de metais e mexicano Industrias SC no valor de US\$ 500 milhões no setor de metais.

Dentro do cenário de estagnação da participação dos anúncios de inversões latino-americanas e caribenas no IDE rece-

bido pelo Brasil (com exceção do ano de 2011), a China surge como um importante investidor em novos projetos. Como já mencionado anteriormente, o país asiático sai da 12^a posição em 2010 (com 1,8% do total de IDE anunciado com direcionamento para o Brasil) para despontar em 2012 como o segundo principal investidor no Brasil, de acordo com a base de dados do Financial Times (com 9% do total do IDE recebido pelo Brasil, em termos de anúncios), lembrando que o país consolidou-se na 5^a posição (7,1%) em 2011. Cabe ressaltar que os anúncios de investimentos chineses do tipo *greenfield* no Brasil

no período de janeiro de 2003 a outubro de 2012 concentraram-se primordialmente no setor de metais (54%) e, em segundo plano, nos setores automotivos (13%)

e de comunicação (10%), evidenciando pouca rivalidade com a América Latina em termos de setor de destino das inversões (tabela 27).

Tabela 26 - Origem dos anúncios de IDE¹ destinado ao Brasil, países selecionados, 2009-2012²

Países de origem	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ bilhões				% Participação Relativa			
Estados Unidos	9.331,5	9.107,3	12.358,0	5.238,7	23,2	20,7	19,6	32,1
Alemanha	1.421,4	9.305,5	3.051,1	1.086,4	3,5	21,1	4,8	6,7
Reino Unido	4.538,5	2.187,0	12.253,3	321,7	11,3	5,0	19,5	2,0
Japão	576,8	1.240,3	4.953,9	1.249,8	1,4	2,8	7,9	7,7
França	4.530,5	3.699,5	4.901,1	350,7	11,2	8,4	7,8	2,1
Espanha	1.137,9	5.697,1	4.482,5	1.283,4	2,8	12,9	7,1	7,9
Itália	4.900,4	3.134,8	1.832,1	1.017,4	12,2	7,1	2,9	6,2
China	1.150,8	809,6	4.490,3	1.475,3	2,9	1,8	7,1	9,0
Luxemburgo	5.665,9	1.052,1	1.068,8	91,2	14,1	2,4	1,7	0,6
Venezuela	0,0	0,0	849,3	0,0	0,0	0,0	1,3	0,0

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Entretanto, chama a atenção em particular dois projetos anunciados pela China no Brasil em 2011. O primeiro de investimento no valor de US\$ 2,5 bilhões na atividade de manufatura no setor de grãos e óleos pelo grupo chinês Chongqing Grain. O segundo é o investimento de US\$ 850 milhões pelo grupo China Telecom Corporation no setor de comunicação, indicando possível mudança de padrão das inversões chineses no Brasil e acirramento da rivalidade com os investimentos da América Latina e Caribe no país.

Em termos do IDE realizado pelo Brasil, a América Latina o Caribe, que chegou a representar 58% do total, recebeu, em 2011, apenas 28% das inversões

brasileiras, segundo dados do Banco Central do Brasil. Esta queda foi em função principalmente da redução da participação das Ilhas Cayman, que em 2010 e 2011 representaram 38% e 13,6%, respectivamente, dos investimentos (tabela 27). Destaca-se neste período o aumento da participação da Argentina como destino do IBDE, que em 2010 foi de 1,8% e em 2011, 7,3%. Excluindo os paraísos fiscais, a Argentina concentrou 12% dos investimentos brasileiros no exterior em 2011. Uruguai, Colômbia, México e Chile também aparecem no ranking dos principais destinos do IBDE quando desconsiderados os paraísos fiscais, com 2,4%, 2,2%, 1,5% e 0,9%, respectivamente (tabela 28).

Tabela 27 - Fluxo de IBDE por destino
(participação no capital, em %)

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos	4,2	30,5	27,6	22,7	13,1	16,2
Áustria	0,1	1,0	1,3	4,6	1,6	14,3
Ilhas Cayman	13,2	23,2	12,3	28,4	38,5	13,6
Países Baixos	1,3	1,0	2,2	5,5	11,0	11,9
Ilhas Virgens Britânicas	4,1	8,2	4,1	5,6	2,7	9,3
Argentina	5,5	4,5	3,6	2,4	1,8	7,3
Reino Unido	0,2	0,7	1,2	2,8	0,2	6,2
Bahamas	5,9	8,5	4,7	3,6	2,7	1,6
Espanha	1,0	0,4	0,5	4,8	1,2	1,5
Uruguai	1,0	2,0	2,8	1,0	0,6	1,4
Portugal	0,2	1,3	0,4	4,0	3,2	0,6
Canadá	60,5	0,0	0,2	0,1	0,0	0,2

Fonte: Banco Central do Brasil.
Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Tabela 28 - Fluxo de IBDE* por destino,
excluído paraísos fiscais (%)

	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos	5,6	59,4	39,7	43,2	35,2	27,8
Áustria	0,1	2,0	1,9	8,8	4,2	24,5
Argentina	7,4	8,8	5,1	4,6	4,7	12,6
Reino Unido	0,2	1,4	1,8	5,2	0,5	10,7
Espanha	1,3	0,7	0,7	9,2	3,2	2,6
Uruguai	1,3	3,8	4,0	1,9	1,6	2,5
México	0,1	4,3	0,4	2,0	0,6	1,5
Portugal	0,3	2,6	0,5	7,5	8,7	1,1
Canadá	81,1	0,0	0,3	0,2	0,1	0,3

Fonte: Banco Central do Brasil.
Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Ao analisarmos os dados de anúncios de investimento brasileiro direto externo do tipo *greenfield* e de expansão, também observamos queda da participação da América Latina e Caribe como receptora destas inversões já em 2010, quando a região sofreu queda de 62% e passou a concentrar apenas 31% do investimento brasileiro total anunciado (esta proporção era de cerca de 83% em 2009). Em 2011, retrocedeu mais 60% e a região recebeu apenas 28% dos anúncios. Enquanto isso, África, Ásia e América do Norte obtiveram participações em 2011 de 36%, 9% e 19%, respectivamente.

Em termos de países de destino, os

dados do FDI Markets reforçam os dados do Banco Central ao apontar acréscimo da participação da Argentina como importante receptora dos investimentos brasileiros. A participação deste país, em termos de anúncios de IBDE do tipo *greenfield*, elevou-se de 3,1% em 2010 para 9,6% em 2011 e espera-se que este valor em 2012 seja ainda maior visto que dados acumulados entre janeiro e outubro de 2012 apontam para uma participação de 18% (tabela 29). Destaca-se no caso dos investimentos brasileiros recentemente anunciados para a Argentina o projeto do grupo Camargo Correa em 2011 no valor de US\$ 250 milhões, destinados ao setor

de serviços de software e de tecnologia de informações, e o anúncio da Petrobrás em 2012 de investir US\$ 500 milhões no setor de petróleo, carvão e gás natural.

Além da Argentina, os principais receptores dos investimentos divulgados pelas empresas brasileiras foram: Moçambique (20,6%), Estados Unidos (19,2%) e China (8,2%). No caso de Moçambique, destaca-se o investimento da Companhia Vale do Rio Doce no valor de US\$ 949

milhões em extração e logística no setor de petróleo, carvão e gás natural. Já nos EUA dois projetos sobressaem-se: investimento de US\$ 274 milhões pelo grupo Gerdau no setor de metais e de US\$ 238 milhões pela Petrobrás no setor de petróleo, carvão e gás natural. No caso da China, o investimento anunciado deve-se a projetos do grupo Marfrig, no setor de alimentos, no montante total de US\$ 334 milhões.

Tabela 29 - Destino do IDE¹ anunciado pelo Brasil, países selecionados, 2009-2012²

Países de destino	2009	2010	2011	2012 ²	2009	2010	2011	2012 ²
	US\$ milhões				% Participação Relativa			
Peru	5.361,5	720,7	2,8	389,7	52,4	6,9	0,1	14,0
Venezuela	25,5	0,0	282,3	0,0	0,2	0,0	6,1	0,0
Argentina	234,0	327,0	443,0	504,7	2,3	3,1	9,6	18,2
Colombia	27,7	1.496,4	36,3	240,7	0,3	14,4	0,8	8,7
Mexico	2.542,7	134,4	224,7	603,0	24,8	1,3	4,9	21,7
Malasia	0,0	1.400,0	0,0	0,0	0,0	13,4	0,0	0,0
Estados Unidos	335,6	177,2	883,6	112,8	3,3	1,7	19,2	4,1
Canada	0,0	3.382,3	0,0	4,6	0,0	32,5	0,0	0,2
Moçambique	798,7	0,0	951,4	0,0	7,8	0,0	20,6	0,0
Portugal	0,0	530,0	15,3	0,0	0,0	5,1	0,3	0,0
China	0,0	36,6	379,2	0,0	0,0	0,4	8,2	0,0
Chile	151,9	140,0	36,3	376,0	1,5	1,3	0,8	13,5

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Os principais países receptores dos IBDE anunciados variam bastante de um ano para o outro, mostrando que o padrão de inserção externa das empresas brasileiras via IDE não se configura mais concentrado em países América Latina e que o padrão recente de internacionalização ainda está sendo construído. Contudo, é inegável que as companhias brasileiras têm saído para mercados mais distantes e diferentes daqueles que já estavam acostumadas, o que evidencia avanço do processo de internacionalização e da capacidade das empresas brasileiras competirem fora do país.

Do IBDE anunciado com destino para América Latina e Caribe em 2011, a Ar-

gentina destaca-se com quase 35%, em seguida temos a Venezuela (22%), México (17,6%) e Panamá (12%). Todos estes países elevaram significativamente suas participações nos investimentos brasileiros anunciados para a região, em detrimento da Colômbia e Peru que em 2010 responderam por 46% e 22%, respectivamente, das inversões brasileiras anunciadas para a América Latina e Caribe. Já para 2012, espera-se que México e Peru tenham suas participações bastante elevadas, visto que os dados de janeiro a outubro de 2012 mostram que 22% e 14% do IBDE divulgado com destino para a região em questão foram direcionados a estes países, respectivamente (Tabela 30).

Tabela 30 - IDE¹ anunciado pelo Brasil destinado à América Latina e Caribe, por países destino selecionados, 2010-2012²

Países de Destino	2010*	2011*	2012 ²	2010*	2011*	2012 ²
	US\$ Milhões			% Participação Relativa		
Argentina	327,0	443,0	504,7	10,1	34,6	15,6
Venezuela	0,0	282,3	0,0	0,0	22,1	0,0
México	134,4	224,7	603,0	4,1	17,6	18,6
Panamá	0,0	156,3	332,2	0,0	12,2	10,3
Uruguai	186,5	67,0	0,0	5,8	5,2	0,0
Colômbia	1.496,4	36,3	240,7	46,2	2,8	7,4
Chile	140,0	36,3	376,0	4,3	2,8	11,6
Nicaragua	0,0	25,0	0,0	0,0	2,0	0,0
Paraguai	210,9	5,0	1,9	6,5	0,4	0,1
Peru	720,7	2,8	389,7	22,2	0,2	12,0
Equador	25,0	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0
República Dominicana	0,0	0,0	2,4	0,0	0,0	0,1
Porto Rico	0,0	0,0	22,0	0,0	0,0	0,7
Total	3.240,9	1.278,7	2.472,6	100,0	100,0	76,3

Fonte: FDI Markets.

Elaboração: NEIT/UNICAMP.

Notas: ¹Investimento direto externo do tipo *greenfield* e de expansão.

²Dados de janeiro à outubro de 2012.

Em termos setoriais, há grande alternância a cada ano dos principais setores para os quais os anúncios de IBDE são destinados na América Latina e Caribe. Em 2010, houve predomínio dos setores de petróleo, carvão e gás natural (41,3%), de metais (21,6%) e de produtos químicos (9%). Esta configuração deveu-se especialmente aos investimentos anunciados pelo Grupo EBX na Colômbia, no valor de US\$ 1,5 bilhões no setor de petróleo, carvão e gás natural e das inversões divulgadas pelo grupo Gerdau no valor de US\$ 384 milhões no setor de metais peruano.

Já em 2011, de acordo com os projetos já destacados acima, percebe-se concentração do investimento brasileiro na América Latina e Caribe nos setores de comunicação (22%), materiais de construção e construção (19,6%), serviços financeiros (14%), produtos químicos (13%) e energia renovável ou alternativa (12%).

Em 2012, espera-se maior volume de IDE destinado à América Latina, como já mencionado anteriormente. Este fato fica a cargo principalmente dos seguintes projetos brasileiros: investimento do grupo Gerdau no valor de US\$ 540

milhões no setor de metais no México; inversão da GMR Empreendimentos em energia renovável ou alternativa no Peru e Chile nos montantes de US\$ 332 milhões e US\$ 376 milhões, respectivamente; além do investimento acima citado da Gerdau na Argentina.

Setorialmente, entre janeiro de 2003 e outubro de 2012, é possível identificar através dos dados do FDI Markets concentração do IBDE anunciado para a América Latina e Caribe nos seguintes setores: metais (20,3%), petróleo, carvão e gás natural, (17,6%), produtos químicos (17,4%), plásticos (16%) e energia renovável ou alternativa (13%). Contudo, como visto, estes setores apresentam diferentes pesos anualmente em relação ao total de inversões anunciadas pelas empresas brasileiras na região. Através destes dados é possível identificar rivalidade dos investimentos entre Brasil e América Latina no setor de comunicações e, mais recentemente, uma possível ocupação pela China de espaços anteriormente ocupados pela América Latina e Caribe no que se refere ao recebimento de investimentos brasileiros no setor de alimentos.

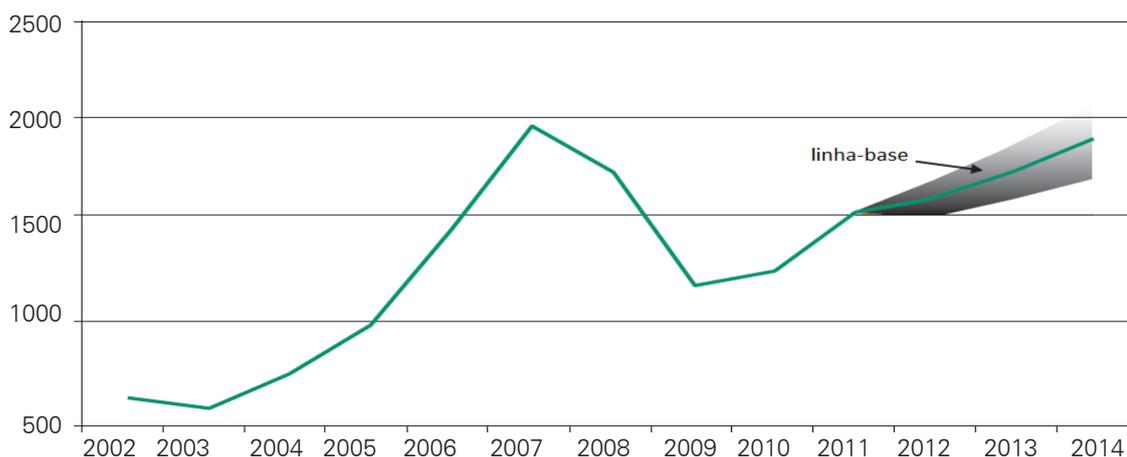
4. PERSPECTIVAS PARA OS FLUXOS DE INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO MUNDIAIS

As incertezas colocadas sobre a economia mundial, especialmente acerca do desempenho das nações desenvolvidas, têm restringido o crescimento dos fluxos globais de investimento direto externo. Embora o movimento destes tenha apresentado expansão desde 2009, a recuperação tem sido ainda bastante tímida.

Uma vez que o cenário macroeconômico de 2012 não apresentou grandes mudanças em relação ao de 2011, a Unctad (2012) estima que o fluxo de IDE para o ano correspondente será entre US\$ 1,5 trilhão e US\$ 1,7 trilhão. Já para os anos de 2013 e 2014, são esperados os movimentos nas ordens de US\$ 1,8 trilhão e US\$ 1,9 trilhão, respectivamente (gráfico 9). A tendência apresentada nos últimos

anos mostra que os países em desenvolvimento e em transição receberem cerca de 50% das inversões totais e que deve se manter nos próximos anos, porém, a Unctad levanta a possibilidade de perda de participação dos PED e ganho das economias em transição, com destaque para a Federação Russa. Evidentemente, o aprofundamento da crise internacional e das crises de dívidas públicas de países europeus e o baixo crescimento econômico de países emergentes são cenários macroeconômicos que não podem ser descartados e que teriam impactos extremamente negativos sobre os fluxos de IDE, trazendo seus valores para patamares abaixo dos níveis-base estimados através de modelos econométricos pela Unctad.

Gráfico 9 - Prospecção do IDE Mundial 2012-2014 (US\$ bilhões)



Fonte: Unctad (2012). Tradução: NEIT/UNICAMP.

A perspectiva de aumento do nível de inversões mundiais para os próximos anos é baseada na pesquisa realizada pela Unctad sobre o nível de otimismo das Empresas Transnacionais (ETN)¹ de todo o globo acerca do ambiente de investimentos. O estudo

mostra que o percentual de empresas que se mostram otimistas e muito otimistas em relação ao ambiente para a realização de investi-

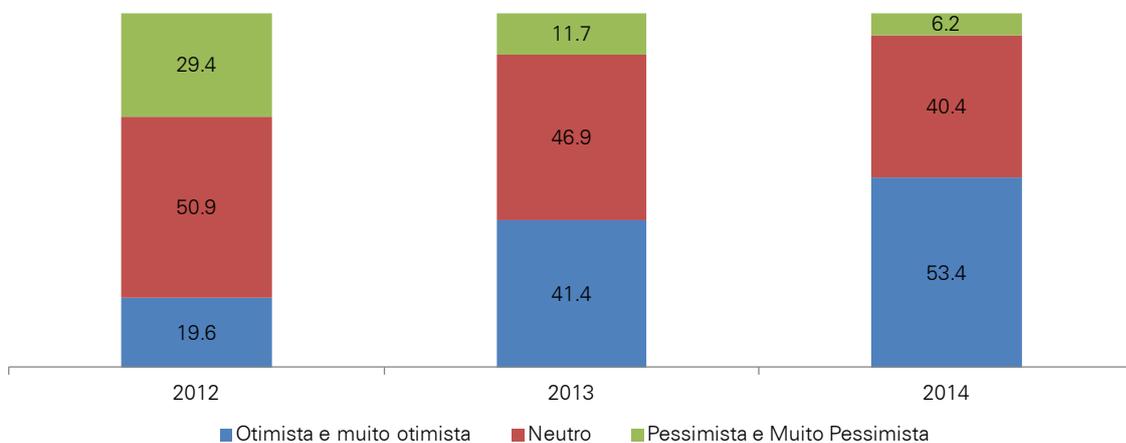
1. *World Investment Prospects Survey 2012–2014 (WIPS)*, ainda não divulgada. Resultados são mostrados no *World Investment Report 2012*. A amostra da pesquisa consiste em 174 ETN respondentes.

mento externos mais do que dobrou de 2012 para 2013, passando de 19,6% para 41,4%, respectivamente (gráfico 10). O nível de otimismo melhorou ainda mais para 2014, ano para o qual 53% das empresas respondentes são otimistas ou muito otimistas, 40,4% são neutras e apenas 6% são pessimistas em relação ao clima para as inversões estrangeiras.

Em relação às formas possíveis de entrada das corporações transnacionais no mercado internacional, a pesquisa destaca a importância das Fusões e Aquisições, dos investimentos de continuidade (*follow-on*) e dos investimentos do tipo *greenfield* para as

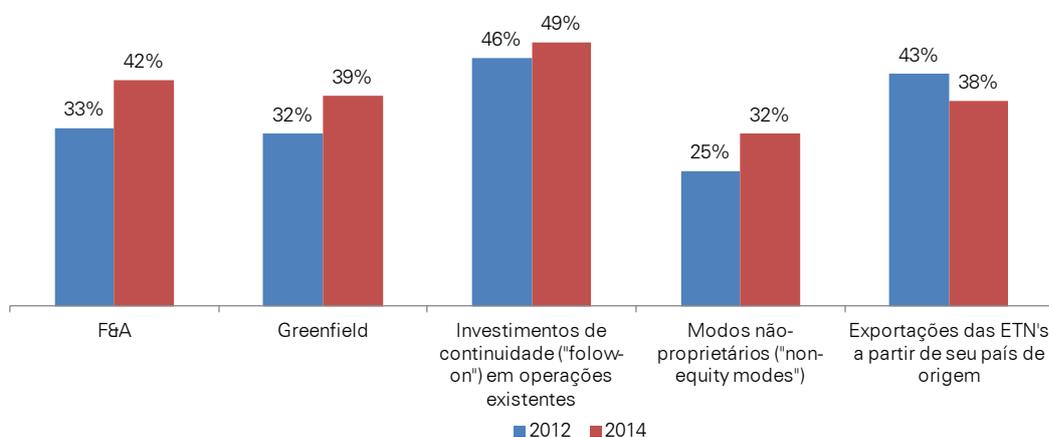
ETN para 2014 (gráfico 11). É importante ressaltar que todas estas modalidades configuram modos de entrada baseados na propriedade acionária. Já o modo não proprietário (*non-equity*) – fabricações por encomenda, serviços terceirizados, contratos de manufaturas e agrícolas, franquias, licenciamentos, entre outros – também tem sua participação aumentada para 2014, porém há uma taxa inferior do que as F&A. Já as exportações das ETN através de seus países de origem apresentaram queda na pesquisa, evidenciando os impactos negativos da crise internacional sobre o comércio mundial.

Gráfico 10 - Nível de otimismo das ETNs em relação ao ambiente de investimento (% dos respondentes)



Fonte: WIR 2012, pp. 18. Pesquisa baseada nas respostas de 174 companhias. Tradução: NEIT/UNICAMP.

Gráfico 11 - Importância de modos de entrada proprietários e não proprietários, 2012-2014 (porcentagem das empresas entrevistadas que selecionaram o modo de entrada como "muito importante" ou "extremamente importante")



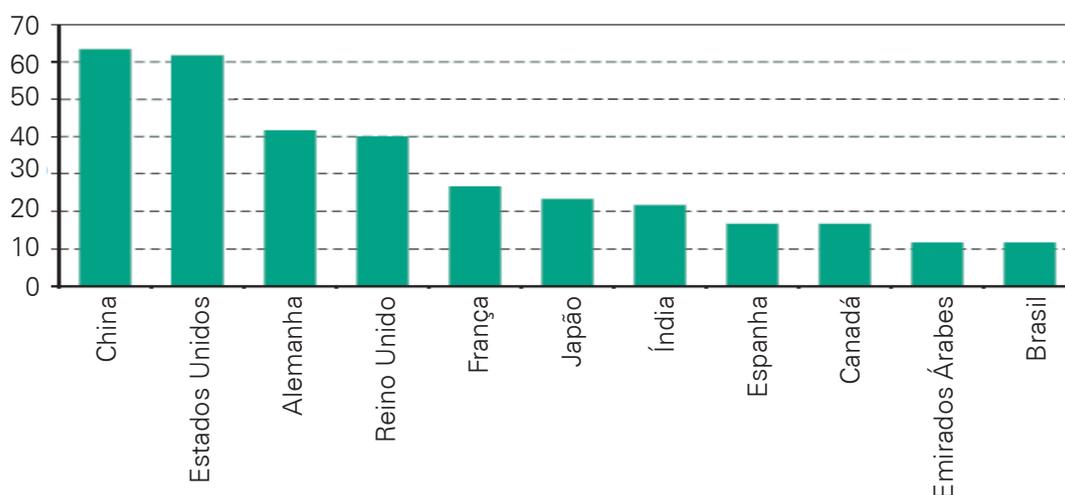
Fonte: WIR 2012, pp. 20. Pesquisa baseada nas respostas de 174 companhias. Tradução: NEIT/UNICAMP.

Dentre os prováveis principais realizadores de IDE para o período de 2012 e 2013, a China configura-se em primeiro lugar, o que evidencia a discrepância entre as decisões das empresas chinesas e os números de IDE capturados pela Unctad quando comparamos este ranking com o ranking dos principais realizadores de IDE nos últimos anos, favorecendo o argumento de que a triangulação dos investimentos chineses através de Hong Kong resulta na subestimação dos fluxos de inversão estrangeira da China. Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, França e Japão situam-se nas

posições seguintes (gráfico 12). Destaca-se na pesquisa realizada pela Unctad, o aparecimento da Índia, Emirados Árabes e Brasil dentre as economias mais promissoras como realizadoras de IDE (WIR, 2002).

Já em relação aos mais prováveis principais receptores de IDE, a pesquisa traz nas cinco primeiras colocações praticamente a mesma configuração do ranking elaborado para 2011, no qual China, Estados Unidos e Índia estavam no topo, nesta ordem – e assim permanecem para 2012-2014 – e o Brasil estava na quarta posição – agora rebaixado para o quinto lugar (gráfico 13).

Gráfico 12 - Economias mais promissoras como realizadoras de IDE para 2012-2014

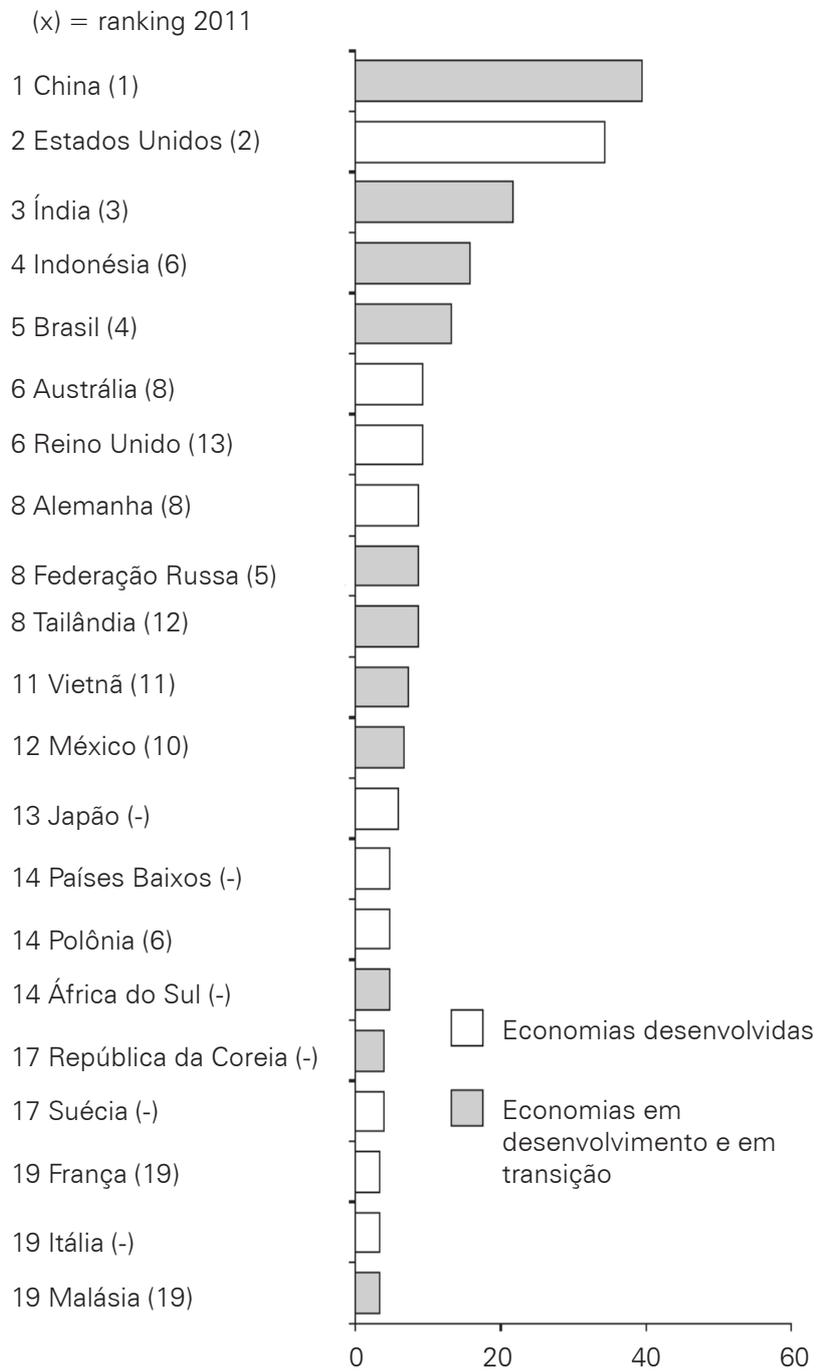


Fonte: WIR 2012, pp. 21. Baseado nas respostas das 62 Agências de Promoção do Investimento (API). Tradução: NEIT/UNICAMP.

Chama a atenção a escalada no ranking da Indonésia, Reino Unido e Tailândia, que estão na 4ª, 6ª e 8ª posição da WIPS 2012-2013, respectivamente, e a queda da Federação Russa, do México e da Polônia para o 8º, 12º e 14º lugar, respectivamente (WIR, 2012). Ademais, destaca-se a entrada de países que não apareciam no ranking de 2011 (Japão, Países Baixos, África do Sul, República

da Coreia, Suécia e Itália) e a saída das principais posições de economias que estavam presentes na listagem anterior (Cingapura, Taiwan, República Tcheca, Peru, Chile e Colômbia). Nota-se que subiram para as principais posições dos receptores de IDE principalmente países desenvolvidos, ao passo que os países em desenvolvimento perderam importância.

Gráfico 13 - Economias mais promissoras como receptoras de IDE para 2012-2014



Fonte: WIR 2012, pp. 22. Pesquisa baseada nas respostas de 174 companhias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados cinco anos do início da crise internacional, as suas conseqüências sobre a economia mundial ainda se fazem sentir. Os fluxos de IDE mundial continuam apresentando crescimento, embora não tenham recuperado ainda os níveis pré-crise.

Ao mesmo tempo, o crescimento moderado do IDE continua acompanhado de mudanças importantes na composição desses fluxos. Os países em desenvolvimento continuam tendo um peso importante, respondendo por quase metade dos fluxos globais recebidos. A continuidade do crescimento lento nas economias centrais, em especial na Europa, faz com que as perspectivas de investimento direto, em especial os investimentos *greenfield* e em novas plantas produtivas, fiquem concentrados nas regiões em desenvolvimento. Com certeza, o movimento de consolidação em cenário de demanda estagnada tem estimulado fluxos associados a Fusões & Aquisições entre empresas sediadas em países centrais, enquanto os investimentos novos se direcionam para as regiões de maior crescimento.

O crescimento dos países em desenvolvimento também como investidores faz com que os investimentos Sul-Sul ganhem relevância. O aumento dos fluxos de investimentos Sul-Sul traz desafios importantes uma vez que representam uma mudança importante em relação ao padrão estabelecido até o final do século passado.

Neste aspecto, por um lado, os investimentos brasileiros realizados têm apresentado desempenho pouco dinâmico, com redução dos anúncios de investimento no exterior no período mais recente. Além disso, apesar de também apresentar tendência de queda, os investimentos na América Latina apresen-

tam redução menor e uma ligeira recuperação em 2012. Ao mesmo tempo, os investimentos da China na região também têm aumentado, buscando garantir matéria-prima e acesso ao mercado local, o que pode significar no futuro uma disputa maior na região.

Do ponto de vista dos investimentos recebidos pelo Brasil, os dados de fluxos líquidos indicam que o país continuou atraindo um volume considerável de IDE em 2012. Já os dados de anúncios de investimentos *greenfield* apresentam uma redução preocupante. Este é um dado que deve ser acompanhado nos próximos anos, para verificar qual impacto a queda nos anúncios de investimentos pode trazer para reduções futuras nos fluxos registrados de IDE, ou se apenas se trata de uma redução pontual nos dados que tende a ser corrigida no futuro.

Deve-se ressaltar, porém, que em termos de perspectivas, o potencial de crescimento do mercado interno deve continuar a garantir um fluxo importante de investimentos na economia brasileira. Além do potencial de consumo, pode-se destacar também as oportunidades abertas no setor de infra-estrutura, que podem atrair mais investidores internacionais para o mercado brasileiro.

Os investimentos estrangeiros potencialmente podem contribuir de maneira importante para a recuperação firme da formação bruta de capital fixo na economia brasileira. No entanto, é importante destacar que no atual contexto de concorrência acirrada na economia mundial e de dificuldades da indústria de retomar sua competitividade, ganha relevância a necessidade de aumentar a articulação dos investimentos estrangeiros, seja das empresas já instaladas,

sejam de novos entrantes, com a estrutura produtiva local, de maneira a maximizar os graus de encadeamentos produtivos e tecnológicos com a estrutura produtiva existente.

Esta dimensão, de promover maior grau de comprometimento e enraizamento das atividades produtivas e tecnológicas das empresas estrangeiras que investem no Brasil, deve ser tanto mais

importante quanto mais os investimentos estrangeiros estejam associados a estímulos e incentivos propiciados pela política industrial e tecnológica nos diferentes setores de atividades. Dessa maneira, o IDE, além de contribuir para o aumento da formação de capital, poderá também dar uma contribuição relevante para elevar a estrutura produtiva brasileira a um novo patamar de competitividade.

REFERÊNCIAS

BACEN – Nota para a imprensa: 23/01/2013

BACEN – bases de dados: <http://www.bcb.gov.br/rex/ied/port/ingressos/htms/index3.asp?idpai=INVED> <http://www4.bcb.gov.br/rex/cbe/port/ResultadoCBE2011.asp?idpai=CBE>

CEPAL (2012) La inversión extranjera directa en América Latina y El Caribe. Santiago do Chile: ONU/CEPAL.

Fundação Dom Cabral (2012) RANKING FDC das transnacionais brasileiras 2012: os benefícios da internacionalização. Nova Lima, MG: FDC Núcleo de Negócios Internacionais.

IEDI (2012) Setor Externo: A maior eficácia dos controles de capitais de curto prazo. Análise IEDI. Disponível em: http://www.iedi.org.br/artigos/top/analise/analise_iedi_20121123_setor_externo.html

UNCTAD (2012) World Investment Report 2012: Towards a New Generation of Investment Policies. Switzerland: United Nations Publication.

UNCTAD – base de dados: http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS_referer=&sCS_ChosenLang=en

Financial Times – fDi Markets.com crossborder investment monitor: www.fdimarkets.com/

